

491  
C A R T A

A Luiz Antonio Vazquez.

De um Filologo de Espanha a outro de  
Lisboa à cerca de certos Elogios  
Lapidares.

Madrid 10. de Setembro de 1749.



Eu amigo do corasam. Nem em todas as  
coizas se-deve proceder com rigor: mas  
é necessario às vezes ter moderasam, e so-  
frimento. Vos queixais-vos, que o vo-  
lo amigo na tradusam Portugueza, que ago-  
ra publicou, dos cinco elogios Latinos  
em estilo lapidar, por nam perceber as  
razoens do Critico, caia novamente no

mesmo defeito: e que, para defender a sua errada opiniam,  
nam so produza argumentos fôra do assunto, e acumule no-  
vos erros; mas maltrate o Critico com certos piques sola-  
pados, e com a pedanteria de dizer, que o Critico se-serve  
de livros Estrangeiros. Juntamente dizeis, que o mesmo au-  
tor, a quem, para maior clareza, chamaremos Elogista, é  
um omem douto, grande fautor do Critico, e que fala com

A

muita

muita moderação . Perdoai-me se vos-digo , que vejo neste voso modo de pensar , incoerência , e demaziado rigor .

Quereis vos por ventura , que todos pensẽm como vos , ou como o Critico ? quereis , que todos saibam , quais sã as idades da lingua Latina : como se-pensava , e escrevia em cadauma : que merecimento , e diversidade tem entre si : que coiza se-deve imitar , ou desprezar : e para dizer tudo em uma palavra , que todos percebam fundamentalmente , que coiza é bom gosto na lingua Latina ? Perdoai-me , torno a dizer , se repito claramente , que neste particular nam falais com acerto , mas com demaziada paixão .

Vos julgais que dizeis pouco quando proferis , *bom gosto na lingua Latina : bom gosto na Eloquencia &c.* Mas nam advertis , quanto quereis dizer estas quatro palavras . Tudo quanto Aristoteles escreveu de Poetica , e Retorica ; tudo o que escreveu no didascalico Cicero , Dionizio de Alicarnasso , Demetrio , Longino , Ermogenes , Quintiliano , e outros omens grandes da Antiguidade ; nam tem outro fim mais , doque introduzir o bom gosto . Todos os livros que nestas materias tantos escritores illustres no seculo xv. publicãram : todas as Academias de Belas Letras , que no pasado , e presente se-fundãram em França , e Italia : tantas e tam admiraveis obras que saĩram à luz ou de preceitos , ou de critica sobre os Antigos , e Modernos ; tudo isto se-dirige a estabelecer o bom gosto do seculo Aureo . Nem seriam tam estimados os bons Criticos , os perfeitos Latinos , os Oradores , e Poetas excelentes ; se-fosse tam facil achalos a cada canto . Mas porque isto é coiza mui difficultosa , e de grande trabalho , por isto nam devemos querer que todos a-saibam com fundamento . Devemos sim contentar-nos , que entendam soffriavelmente algumas coizas de Belas Letras : que sejam enfarinhados em outras : que nam rejeitem tudo o que lhe-propoem : que tenham docilidade para ouvir , e curiosidade para estudar . Mas nam querer , como vos quereis , que todos sejam Ciceros , Ermogenes , Quintilianos .

Prouvera a Deus , que todos pensãsem como o Elogista : o Critico se-dera por bem satisfeito . Parece-vos pouco , que o Elogista abraçe , e louve quazi todas as opinioens do Critico ? Parece-vos que é coiza de pouca considerãsam , achar um omem

omem que reconheça os defeitos seus, e comuns em tantas materias; e publicamente diga, que se-devem emendar? Pa-rece-vos que nam é grãa particular, que entre tantos censo-res, que condenam o que nam entendem, alguns separem umas coizas das outras; e digam o que lhe-agrada, e dezagrada em alguma opiniam? Ora eu digo, que isto nam so nam é para desprezar, mas que se-deve louvar o Elogista, aindaque falãse pior do Critico: e digo mais, que o Critico dezeja sincera-mente, que todos sejam seus inimigos desta sorte.

Comparai esta prefalam com as \*\*\* e vereis a diferença. O Elogista diz a sua opiniam sem grande acrimonia de estilo: deita o seu pique com apparencia de piedade, e retira-se. O outro debaixo do titulo de censura, compoem uma tremenda Satira: na qual o menos que tem é, nam acertar nunca com o ponto que deve; o mais é, que se-esquece da cortezia, e do justo receio, que devia ter qualquer douto, quando pegase na pena, para escrever contra um homem de tam vasta e profunda doutrina como o Critico. Ora à vista disto nam quereis que eu diga, que o Elogista tem desculpa, aindaque erre?

Replicais vos, que o \*\*\* teve resposta, e muito mais se-devia dar a este, para o-alumiar, e ensinar-lhe a dis-correr com acerto em materias literarias: paraque nam enver-gonhãse a nasãm, com a repetida edisãm de livros, que (pon-do de parte a materia, que é mui nobre e eroica) so servem para dar pabulo aos Estrangeiros, e rirem à custa dos Portu-guezes. E eu respondo, que nam tendes razãm. Se teve res-posta o \*\*\* nam a-devia ter: nam sam aqueles os papeis que merecem resposta. E digo mais, que merecia censura quem lhe-respondeo, por perder o seu tempo, e doutrina em confutalo. E eu sei de certo, que o Critico lendo as ditas \*\*\* pos-se a rir, e dise, que aquilo nam tinha res-posta.

Outro saio la com um papel injuriozo, dizendo, que defendia o soneto do Dezembargador Borges: e emprega duas boas folhas em chamar a certo Religiozo condecorado, *besta, pandeiro &c.* Talvez presumiria, que lhe-ouvesem de respon-der a semelhantes pulhas, mas nam o-conseguio. O que con-seguio foi, injuriar o dito Borges: pois é certo, que este De-zembargador, que é um homem mui douto, e mui bom Poe-

ta, nam se-podia queixar, porque o Critico reprovou um soneto, que nam lhe-pareceo bom; e tam de pasagem, que toda a critica se-reduz a quatro, ou cinco regras. Nam é o mesmo, reprovar um soneto, doque chamar a um omem ignorante da Poetica. Oracio naquella excelente satira (1) em que critica o Poeta Lucilio, nota difuzamente os defeitos Poeticos do dito, e contudo louva-o muito. Quintiliano Critico de grande juizo, censurando Lucilio, Ovidio, Severo, e outros insignes Poetas, refere os defeitos de algumas suas composicoens, mas nam julga que isto seja ofender as pessoas. (2) Entre os Modernos o celebre Julio Cezar Escaligero (3) reprova muitas composicoens de Oracio, mas tam longe está de lhe-chamar ignorante, que chega a proferir, que mais queria ter composto aquellas duas Odés: *Quem tu Melpomene semel: e Donec gratus eram tibi*; doque ser Rei de Aragam. (4) O Mureto, o Giraldi, e outros illustres Criticos condenam quazi todos os epigramas de Marcial, porem nam lhe-chamam tolo. Outros dezaprovam o modo declamatorio de Juvenal, e Lucano, a escuridade de Persio, a inchaçam de Estacio, e Claudiano &c. mas nam os-canonizam por inertes e incientes. O grande Vossio na sua *Poetica* expoem mil defeitos dos mais acreditados autores, e nenhum erudito atégora disse, que os injuriara. E assim se-devem tomar as censuras, principalmente quando o autor nam diz o contrario. Ele porem sem entender o que o Critico diz, nem o que devia provar, faio fora do argumento, e encheo um papel de pulhas e anexins de arrieiro, para mostrar ao mundo erudito, que de Poetica nam sabe nada.

Nam tinha mais que fazer o Critico, ou algum dos seus apaixonados, que responder a todas as satiras e papeis, que faifem contra ele. Iso queriam eles, para se-vangloriarem que tiveram resposta, e que encontraram por adversario um tal omem: mas isto é o que ele, segundo ouvi dizer, nem quer, nem fará. Se o Critico tivesse um adversario verdadeiramente douto, e cortez; persuado-me que nam deixaria de lhe-respon-

(1) L. I. *satyra* 10.

(2) *Institution*. L. X. c. I.

(3) *In Poetica* L. VI. p. 867.

| *seqq.*

(4) *Ibid.* pag. 88o.

responder . Mas qual á de fer o omem douto e urbano , que impugne o Critico ? O Critico nam tem por fim injuriar ninguem , e muito menos uma nasã tam considerada como a Portugueza , e que tem produzido engenhos tam grandes . Nam tem por fim , produzir ideias novas , opinioens paradoxas , conjeturas intoleraveis . Tem por fim , introduzir no reino o metodo que florece em outros mui pios , e cultos ; e com grande utilidade da nosa religiam Catolica , e damesma republica Civil : e o mesmo metodo, que os Portuguezes de melhor doutrina aprovam , e dezejam que floresa no seu reino . Nam escreve ipotezes novas , e doutrinas impraticaveis : mas aquilo que se-está fazendo todos os dias em varias cidades . Para este fim une às vezes o que vio em diferentes lugares , e que julgou melhor , e mais acomodado ao fim proposto ; o que ilustra com exemplos , e sabias reflexoens .

Para mostrar a verdade do que propoem , exemplifica os vicios nos autores Portuguezes : nam para satirizar , como os ignorantes prezumem , mas para se justificar na critica . O que fez com advertencia : pois se ainda assim dizem alguns , que escreve falsidades ; que fariam se nam citãse ? Se citãse os vulgares, responderiam , que aqueles nam fazem texto . Se nam citãse , diriam , que a critica caia sobre um suposto falso . Ora qual á de fer o omem de juizo , que escreva contra semelhante autor ? Quem pòde condenar , que um Estrangeiro aponte os meios , de utilizar a nasã , e de fazela brilhar entre as mais cultas da Europa ? Qual será o Portuguez verdadeiramente amante da patria , que condene esta rezoluçam , e nobre fim ? Que omem de juizo perfeito nam louvará , que um Estrangeiro venha fazer em Portugal o que nunca fez nenhum Portuguez ? O certo é que so os envejzos , e ignorantes nam agradecerãem este serviso : os doutos , e bem intencionados todos o-tem aprovado , e louvado . E como os ignorantes nam o-podem confutar com razoens , mas com ridicularias , e injurias ; por isto digo , que nam tem resposta semelhantes papeis .

Quero ainda conceder , que alguma coiza , das que propoem o Critico , nam se-pudese efeituar em Portugal , o que se-nega ; por isto se-à de condenar tam inumanamente um omem , que fez tais servisos à republica ? Qual é o autor que

fale em toda a materia bem , que uma vez nam se-enganê , que nam escreva alguma coiza de pouca utilidade ? creio que nam se-achará nenhum . E se estes nam deixam de ter estimasam ; por que nam a-terá o Critico ? Estas sam as razoens , porque digo , que omem de bom juizo , e solida doutrina nenhum escreverá contra o-Critico : antes lhe-dará muitos elogios , e agradecimentos . Pois destes é que ele faria cazo , que dos outros nam lhe-empporta nada .

Tornando pois à vosa proposta , se vos julgais , que o Elogista é omem prudente , e applicado , deixai-o na sua opiniam : que o tempo , e o juizo que fizerem do seu livro os omens verdadeiramente doutos , o-dezenganará . Se sois seu amigo , como mostrais , e dezejais que ele luza na Republica Literaria , tomai aquele santo conselho : *Corrige eum inter te , & ipsum solum* . Chamai-o particularmente , proponde-lhe as vosas razoens , mostrai-lhe o seu engano . Se ele tem juizo , e docilidade , como supondes , nam terá dificuldade e n mudar de opiniam . O emendar erros e confesalos , nam é de omem ignorante . Nunca vereis ignorante prezumido ( a prezunsam é companheira da ignorancia ) que se-emende dos seus erros , por mais razoens , e mais evidentes que lhe-proponham . Isto fica rezervado para os omens doutos , e animos eroicos , confesar seus defeitos , e emendalos . Nisto conhecereis a capacidade e criterio do Elogista , polo modo com que receber a vosa amoestafam , e cazo que fizer dela .

Se nam tem estas qualidades , perdeis o tempo em pregar-lhe . Nam tendes que vos-cansar em lhe-responder , nem pedir-me que o-fasa : porque eu tenho outras occupaçoens , e nam peso perder tempo com puerilidades , gastando a minha eloquencia , com quem nam quer persuadir-se . Contudo , paraque nam digais , que eu vos-falto , e porque dezejo sinceramente cooperar para os vossos lustres ; vos-direi em duas palavras , o que lhe-deveis responder . Mas peso-vos , que nam publiqueis esta minha carta : nam por medo , que nam tenho nenhum ; mas para lhe-evitar a ele novas censuras , e nam refucitar maiores murmurasoens . Animaí as minhas razoens com a vosa eloquencia , e galantaria : e ensinai a ese voso amigo , o que deve pensar à cerca de elogios .

Para nam me-demorar superfluamente com coizas desnecessa-

cesarias, reduzirei tudo a poucos capitulos. Dois pontos propoz, e provou o Critico: 1. *que nam se-deviam fazer elogios em estilo lapidar*. 2. *que era nam menor ridicularia compor livros no dito estilo*: O primeiro ponto provou extensamente: o segundo, que é um corolario, tocou de passagem. O Elogista passando em claro o primeiro, em que consistete toda a dificuldade, esforça-se em provar o segundo. Como se disseramos: concede que se-deve fazer um peccado mortal: e somente examina, se á de ser neste, ou naquelle lugar. Concedido o primeiro ponto, facilmente o Critico concederia o segundo: porque so lhe-chama ridicularia e impropriedade, mas nam qualifica isto por cazo reservado. Todo o ponto está em provar, que se-devem fazer elogios lapidares. Ora isto é o que nam prova o Elogista, nem provará nunca: e consequentemente nam responde nada ao intento. Porei primeiro as razoens do Critico, despois pasarei às do Elogista.

Tudo o que o Critico diz se-reduz a isto. A primeira idade da lingua Latina divide-se, como ja sabeis, em trez partes. A 1. corre desde a fundam de Roma até o tempo do Poeta Livio Andronico, ou da primeira guerra Punica. Esta chama-se *infancia*. Neste tempo a lingua era inculta, cheia de helenismos, ou palavras Gregas: de archaifimos, ou vozes que com o tempo se-desprezaram: sem numero, e sem suavidade. Desta idade nam temos senam alguns fragmentos dos versos Salicos, das Leis Regias, das Leis das XII. Taboas, o epitafio de Cipiam Barbato, a coluna Rostral de Caio Duilio &c. (1).

A segunda parte continua desde a primeira guerra Punica até o nascimento de Cicero, que é no principio do seculo de Augusto. Neste tempo muito se-emendou a lingua Latina, como mostram as obras de Enio, de Plauto, de Terencio, &c. Contudo ainda nela se-acham helenismos, e archaifimos, e palavras asperas e duras: em uma palavra, ainda nam tinha chegado à sua ultima perfeisam. Esta idade chama-se *adolescencia*.

A 4

A ter-

(1) *Facciolatus de Ortu, & Interitu Latina lingua p. 14. seq.*

A terceira parte compreende o tempo que passou entre o nascimento de Cicero, e a morte de Augusto no ano 14. da era vulgar, que é pouco mais de um seculo. Esta é a *idade viril* da lingua Latina na pureza, na elegancia, na forsa. Este o seculo em que ella obteve a sua maior perfeiçam, e reinou em Italia o bom gosto, que florescia em Grecia tanto na Poetica, como na Retorica, e arte Historica: e a esta communmente chamam idade de *Ouro*, ou seculo de *Augusto*.

A idade de *Prata* começa na morte de Augusto, e prosegue até o fim do reinado de Trajano, no ano 117. da era vulgar: ou quando muito até todo o reinado de Adriano: aindaque alguns a-abreviavam, e nam sem razam. Dese tempo até o fim do IV. seculo segue-se a idade de *Bronze*. Daqui até a ruina do imperio Romano no Occidente no ano 476. em que os Erulos, e Ostrogotos occuparam a Italia, ou quando muito até o tempo de Justiniano na metade do VI. seculo, e reino dos Longobardos, que totalmente destruíram e depravaram a lingua; se-conta a idade de *Ferro*. O que se-segue para baixo até o XV. seculo é *Pao*, e *Lodo*. Esta é a divizam das principais idades.

Quanto à imitaçam, bem se-ve, que quem dezeja escrever com perfeiçam Latim, deve imitar os seus melhores autores, que sam os do seculo de Augusto. Na proza Cicero, Cezar, Cornificio, Panfa, Cornelio Nepote, Tito Livio; no verso Catúlo, Tibúlo, Propercio, Virgilio, Oracio, Ovidio &c. aindaque este ultimo tenha algumas palavras plebeias: cujo defeito tambem se-acha em Varram, e Vitruvio, aindaque prozadores.

Esta idade nam so é excelente pola pureza da lingua, elegancia, suavidade, e numero oratorio; mas tambem polo bom gosto em materia de pensar tanto na proza, como no verso. Aquele fino gosto, e delicadeza de inventar, raciocinar, e exprimir, com que os Gregos levantaram a Poezia, Oratoria, e Historia ao seu mais alto ponto; ao mesmo tempo que foi descaindo em Atenas, e nas outras cidades da Grecia, começou a florecer em Italia, e principalmente em Roma. Nesta illustre escola floreceram aqueles omens, que sam oje a admiracão do mundo em Bellas Letras. A estes despois dos Gregos (na Poetica, Retorica, Historica, os Gregos tem o pri-



primeiro lugar ) imitam os omens doutos , que querem merecer aplauzo nas Letras Umanas : e quem deles se-aparta diz muita parvoice .

A eloquencia desta idade nam consiste em argucias , equívocos , pensamentos inverosimeis , repetiçoens estudadas , antitezes afetadas , e coizas semelhantes : mas no solido dos argumentos , e na prudente distribuiçam de ornamentos acomodados para o fim que se-propoem . As comparaçoens e imagens sam naturais e verosimeis : as razoens solidas : os ornamentos moderados , e nada mais que o necessario : o modo de exprimir natural e sem afetaçam alguma : ou na proza , ou no verso tudo imita a natureza : quero dizer , aqueles accidentes , que a natureza experimenta em toda a variedade das suas paixões e transformaçoens , eses imitam os que compoem ou em proza , ou em verso : proporcionando tudo às pessoas que falam ; e ao lugar , e tempo em que falam . Nisto consiste o bom gosto e boa disposiçam . Desorteque toda a eloquencia do século de Augusto é natural : e niso mesmo consiste a beleza , e grandiozidade dela : e aquele oculto encanto que atraie os omens de bom gosto e discernimento , quando lem , e consideram as composiçoens daquela idade . Este é o carater do século de Augusto , em que reinou nam so o bom gosto da lingua , mas tambem da eloquencia .

Da idade de Prata da lingua Latina se-podem tomar algumas frases , mas com muita advertencia : e algumas palavras , quando nam se-acham melhores , ou tam boas no século de Augusto . Porem é necessario saber , de quais autores podemos seguramente servir-nos , porque alguns deles introduziram muita novidade . Entre os prozistas , Celso , Curcio , Paterculo , Suetonio , os dois Senecas , os dois Plinios , Quintiliano , Floro . Dos versistas , Fedro , Hygino , Manilio , Juvenal , a Thebaide , e Medea de Seneca , Silio Italico , sam dos melhores em quanto à pureza da lingua .

Mas polo que toca ao bom gosto da eloquencia , nam se-podem igualar , e menos preferir aos do século de Augusto .

(1) As declamaçoens , que no século de Oiro se-tinham introduzi-

(1) „ Est mihi cum Cice- ] „ tentus eloquentia sæculi no-  
„ rone æmulatio , nec sum con- ] „ stri . *Plinius L. I. epist. 5.* „

duzido para exercitar e preparar os Advogados para falarem bem no Foro ; degeneraram pouco depois de Augusto em argumentos ridiculos , e estilo pueril ; e foram a primeira cauza da destruição da eloquencia . (1) Alem disso creceo neste mesmo tempo o concurso dos Estrangeiros em Roma , que ja no tempo do Cicero tinha comefado : (2) os quais foram concauza da depravação da Latinidade , e da Eloquencia . (3) Entre estes vieram alguns Espanhoes , como Seneca o moço , Lucano , Marcial , e outros , que totalmente tudo pervertèram . E tambem alguns Italianos comefaram a escrever deforte tal , que pareciam Estrangeiros . Basta ler a historia de Plinio o velho , que floreceo no tempo dos Vespazianos , e nam distante de Augusto , para ver um pensar extravagante , encarecido , sentenciozo , um estilo duro , escuro , e alguma vez barbaro : em que falta a elegancia , e simplicidade do seculo Aureo . Deforteque nam so a pureza da Latinidade se-contaminou com palavras novas simplezes , e compostas ; com a nova significação que se-deo às antigas palavras ; e com os mo-

(1) *Quintilian. L. II. c. 4. Petronius Satyricon initio.*

(2) „ Confluxerunt enim in  
 „ hanc urbem multi inquinatè  
 „ loquentes ex diversis locis .  
 „ Quo magis expurgandus est  
 „ sermo , & adhibenda tam-  
 „ quam obrussa ratio , quæ mu-  
 „ tari non potest , nec uten-  
 „ dum pravissima consuetudinis  
 „ regula . *Cicero in Bruto fine.*

(3) „ A corruptissimo quo-  
 „ que Poetarum figuras seu  
 „ translationes mutuamur , tum  
 „ demum ingeniosi scilicet , si  
 „ ad intelligendos nos opus sit  
 „ ingenio . Atqui satis aperte  
 „ Cicero præceperat , in dicen-  
 „ do vitium vel maximum esse  
 „ se , a vulgari genere oratio-  
 „ nis , atque a consuetudine  
 „ communis sensus abhorre-  
 „ re .

„ Sed ille durus , atque ineru-  
 „ ditus : ( *ironia* ) nos melius ,  
 „ quibus sordent omnia , quæ  
 „ natura dictavit : qui non or-  
 „ namenta quærimus , sed le-  
 „ nocinia . *Quintilianus Insti-  
 „ tut. L. VIII. præmio . Et ite-  
 „ rum .* „ Si antiquum sermo-  
 „ nem nostro comparemus ,  
 „ pæne jam quidquid loquimur  
 „ figura est . . . . . utinamque  
 „ non pejora vincant . *Idem*  
 „ L. IX. c. 3. & L. VIII. c. 3.  
 „ *Consulte-se o que ele mesmo diz*  
 „ *no c. 2. do L. VIII.* „ Vide ne  
 „ plus profutura sit oratio or-  
 „ dinaria , quam hæc , quæ  
 „ nunc vulgo *breviarium* dici-  
 „ tur ; olim , cum Latine lo-  
 „ queremur , *summarium* vo-  
 „ cabatur . *Diz Seneca Epist. 39.*

modos de falar ou frases perigrinas ; (1) mas tambem se-mudou a eloquencia : porque se-introduzio certo modo de pensar totalmente Estrangeiro , agudo , encarecido , escuro , e menos natural . Contudo ainda estes em algumas coizas se-podem imitar . (2)

Da idade de Bronze so se-podem tomar algumas palavras, para explicar coizas , que nam se-achiam nos seculos antecedentes : tudo o mais se-deve desprezar . Alguns que nesta idade escreveram menos mal , foi porque imitaram os do seculo de Oiro : v.g. na proza Latancio : no verso Prudencio, Auzonio , Claudiano , Nemeziano , e Calpurnio . Mas o certo é, que comumente tudo é mau : e aquele estilo natural e magestozo do seculo de Augusto , que na idade de Prata pouco a pouco se-tinha contaminado , nesta totalmente se-perdeo : e muito pior nas seguintes idades : das quais por consequencia nam devemos fazer cazo nem para as palavras , nem para a uniam delas ou fraze , e muito menos para o modo de pensar, que é totalmente diverso do seculo mais culto .

Isto , que aqui vos-digo , nam é materia opinativa, mas um fato istorico certo , e recebido per todos os autores , que trataram este ponto : e isto mesmo disse o Critico na sua carta.

Da-

(1) „ Facile mihi persuadeo,  
 „ nec Ciceronem Celsi , Se-  
 „ necæ , Columellæ , & Pli-  
 „ nii verba repudiaturum fuisse ,  
 „ si ei de re Medica , de  
 „ re Rustica , deque multis aliis  
 „ rebus Physicis scribendi  
 „ occasio evenisset . Sed lo-  
 „ quendi genera certum est  
 „ magnopere degenerasse: mul-  
 „ torumque vocabulorum si-  
 „ gnificationes ita fuisse inmuta-  
 „ tatas , ut ea in posteriorum  
 „ libris non temere Cicero , &  
 „ Cæsar intellecturi fuisse vi-  
 „ deantur . E mais a baixo :  
 „ Itaque si quis vitio neoteris-  
 „ mi affinem se perhibere no-  
 „ lit , appellationes rerum qui-

dem ab argenteæ , vel æneæ  
 „ ætatis auctoribus petere re-  
 „ ligioni non habebit : ( id e-  
 „ nim nisi obmutescere velit ,  
 „ necesse habet ) sed phrasibus  
 „ non temere utetur , quas aut  
 „ sæculo illo aureo nemo usur-  
 „ pavit ; aut is , qui magnam  
 „ scriptorum ætatis illius usum  
 „ habeat , judicioque limato  
 „ sit præditus , neminem illo-  
 „ rum usurum fuisse statuatur .  
 Scioppius Rhetoricar. Exercit. p.  
 m. 377. seq.

(2) „ Hac ætate imitandi  
 „ licentiam definire placet .  
 Scioppius Consult. de Scholar. va-  
 riation. Consult. 2 p. m. 61.

Daqui colheo, que nam se-deviam fazer elogios lapidares. Constam estes elogios de certos Latinos cheios de equívocos, aliterafões, agnominafões, metáforas, antitezes afetadas, e outras agudezas destas: de membros mui pequenos, de um laconismo afetado, e de um tal modo de falar, que mais parece verso, que proza: além disto sam escritos em regras dezi-guais, alguma das quais consta de uma, ou duas palavras, de um *ergo*, *ut*, *nimirum*, *qui*, e particulas semelhantes. De-forteque contem quatro coizas: 1. significafam nova de pala-vras Latinas, ou por cauza de equívoco, ou de uniam com outras. 2. frases novas diferentes das do seculo Aureo. 3. divizam afetada de regras, que nam se-acha no bom seculo. 4. modo de pensar diferente do seculo de Augusto. Basta ler a 1. quintilha do Juglar, que o Critico cita, para ver, que estas quatro coizas se-contem nos elogios lapidares.

Diz mais o Critico, que este modo de escrever Latim comefou no fim do seculo XVI. e se-aperfeifoo no pasado, principalmente despois que o Conde Tezauro, e o P. Juglar, Massenio, Labbe, Chanut, Adamus, Masculus, e outros Jezuitas, como tambem o Pola, o Giarda &c. e muitos ou-tros o-abrasaram, e espalharam por toda a Europa. Diz mais, que este tal seculo, em que reinaram as agudezas, foi o secu-lo da ignorancia do bom gosto em Letras Umanas, e especial-mente da lingua Latina: a que em Italia por desprezo cha-mam o *seiscentos* (entenda-se, *seiscentos e tantos*, que vem a ser pola maior parte o seculo XVII.) para denotarem um se-culo ignorante, e para o-distinguirem do *cincocentos*, que com-eca despois da metade do xv. seculo até os fins do XVI. no qual tempo a lingua Latina se-restaurou em Italia, e qua-zi todo o Ocidente, como mostram as obras, que temos dese tempo. Acrescenta, que nos fins do seculo pasado, e prin-cipalmente no presente, é que refucitou outra vez o bom gos-to das Letras Umanas, e da Latinidade, particularmente em Italia, que é a maen da lingua Latina, e do bom gosto em Belas Letras: na qual os que tem gosto perfeito fazem escar-neo dos elogios lapidares.

Destes principios inferio, que se-deve desprezar tal esti-lo por varias razoens. Por ser novo, que é o mesmo que pe-rigrino e barbaro a respeito da lingua Latina. Por ser cheio  
de

de barbarismos, porque equívocos forçados à imitação dos Portuguezes, conceitinhos, agudezas, e outras novidades semelhantes são barbarismos, e neoterismos. Por ter solecismos, pois toda a construção e uniam de palavras, que não é conforme o estilo do século Aureo, ou quando muito Argenteo, é solecismo. Pela divizão das regras, pois tal divizão tão afetada não se acha nos monumentos dos melhores séculos, e é neoterismo. E finalmente pelo modo de pensar, pois aquelle celebre modo de escrever inscrições, não é parto do século Aureo, nem Argenteo, e talvez que nem do Eneo. Motivos pelos quais o Critico asentou, que se deviam desterrar da Republica Literaria, como contrarios à boa eloquencia. Eis aqui em quanto à substancia o que disse o Critico.

Que responde a isto Sua Reverencia? nada. Passa em claro este ponto, por não confessar eróicamente, que tinha errado: e demora-se com aquillo que o Critico não quiz provar, nem devia provar, porque fala de si. Dizei-lhe vós, que, se quer falar nesta materia com acerto, e não se expor ao ludibrio dos eruditos, deve provar varias coizas, que o Critico nega. 1. Nega o Critico, que o tal estilo seja Latino do bom século, isto é, puro, elegante, suave. 2. Nega, que este modo de elogiar seja Latino, quero dizer, conforme o estilo, com que elogiaram os Latinos nos séculos, em que a lingua era pura, e florescia o bom gosto. 3. Nega, que no bom século se dividissem as regras das inscrições de melhor gosto do modo, que o faz o Elogista no seu livro, e outros em varios papéis.

Para provar o primeiro, não são necessários por ora mais documentos, do que o *Thesaurus lingua Latina* de Roberto Estevam, e o *Calepino* de Facciolati. E para não fazer do argumento, considere S. R. se o primeiro elogio do P. Jugglar, ou algum dos seus tomam as palavras no seu verdadeiro significado: ou se as translações são semelhantes ao que fizeram os melhores autores: o que verá nos ditos Dicionarios.

Para provar o segundo, pede a S. R. que leia os autores, que escreveram da pureza da Latinidade: como o *Vossio de Vitiis sermonis*, *Vorstio de Latinitate falso*, e *merito suspecta*, os dois *Borrighios in Cogitationibus de variis Latina* lin-

*linguae atatibus*, e nas obras contra o Cellario; o mesmo Cellario in *Antibarbaro Latino*, o Praefchio de *Latinismis*, & *Barbarismis*, o Scioppio *Animadversiones in Vossium*, & in *Paradoxis*, & de *stilo Historico*, & in *Infamia Famiani Strada*, e outros muitos, aos quais pode ajuntar o Popina, Vavalleur, e outros semelhantes.

Para prova do terceiro, cita os monumentos, que se acham em Roma do seculo Aureo, Argenteo, e os melhores do Eneo: os quais S. R. pode ver no Donato *Roma vetus, ac recens*, da 3. edisam; na *Roma Antiga* do Nardini, no Ficoroni *Antiquidades Romanas*, e outros livros, v. g. o Rosfini, o Lauro, o Marliano, o Pighio, o Panvinio &c. E tambem cita as melhores inscricoes deses seculos, que se acham no Grutero, Reinesio, Lipsio, Manucio, Fabretti, e outros coleitores de *Inscricoes Latinas*. E quando S. R. tiver provado estes trez pontos, principalmente os dois primeiros, que sam os mais importantes; nam com argumentos fora do assunto, nam com rodeios de palavras, nam com piques solapados, mas com documentos certos, e monumentos aprovados, e com a doutrina dos que melhor escreveram da lingua Latina, e tem a comua aprovasam dos eruditos de Italia, e da mais Europa culta; dizei-lhe entam, que vos-avize, que lhe-daremos um bom premio.

Tenho-vos proposto o que o Critico dise, e fazem os que sabem Latim. Agora vejamos o que alega o noso Elogista. A primeira razam é esta: „ Que tendo aparecido estes elogios „ em \*\*\* nam obstante terem merecido um epigrama laudatorio de certa pessoa, ainda assim o Critico se-rezolveo a „ condenalos &c. &c. Isto é o mesmo que dizer: Tendo sido aprovados por omens tam bons Latinos, ainda assim um pedante teve o atrevimento de os-criticar.

Mas eu nam pondero agora este estilo picante sem necessidade. Nam reparo no galante modo de confutar a temeridade do Critico, por nam obedecer a um epigrama, que quando o livro dos Elogios saão, e o Critico escrevia ao seu amigo, ainda estava na masa dos possiveis. Paso em claro a applicasam que faz da censura: pois avendo tantos livros modernos com as mesmas circunstancias do seu, a quem se-podia aplicar a critica, nam me-parece livre de prezunsam, o tomala toda pa-

ra fi. Tudo isto deixo de parte; e passando ao argumento, digo, que eu podia responder plenamente a esta objecção, e descobrir todo este mysterio: mas nam tenho necessidade de tanto, porque ainda concedendo quanto ele quer, e mais do que quer, nam conclue nada a aprovasam de um so homem, e muito mais se é mediata, ou immediatamente seu amigo.

Se S. R. nos-citãse o J. Pico da Mirandola, os Cardiajs Bembo, Sadoletto, Polo, Cortez, Seripando, e Adriano; o Paulo Manucio, o Mureto, o Julio Pogiano, o Naugero, o Sigonio, o Sepulveda, o Ursini, o Caza, o Perpiniano, o Longolio, o Amaseo, o Aonio Paleario, o Lambino, o Gifanio, o Barrio, o Cano, os Corrados, e outros grandes omens do seculo xvi. que excreveram Latim divinamente: ou alguns dos Portuguezes verdadeiramente eruditos, e de bom gosto, v. g. o Ozorio, o Achilles Estacio, o Cipriano Suares, o Antonio de Gouveia, o Tomaz Correia, que nese seculo floreceram: Se ainda do seculo pasado escolhe-se alguns dos melhores, como o Ferrario, o Petavio, o Vavasseur, o Gazendo, o Cuneo, o Grocio, o Cellario, o Huecio, o Du Hamel, o Scioppio: ou do seculo presente, o Martines, o Recanati, o Luchefini, o Gravina, o de Luca, o Facciolati, e outros omens grandes, que em Italia escrevem perfeitamente: Torno a dizer, se citãse algum destes, que tem fama geralmente recebida, ainda que nam prove nada, arrimava-se a boa arvore. Mas citando um erudito moderno, que nam tem esta geral aprovasam, e sem outro adminiculo, nam prova nada.

Ponha S. R. de uma parte a autoridade dos seus censores, e apologistas: ponha da outra a autoridade de um congresso veneravel de omens consumados na Latinidade, e bom gosto, que dizem, e fazem o contrario: e sem fazer injuria a nenhum, porque todos veneramos, veja qual peza mais. Ponha alem diso nesta mesma lance todas as inscriçoens antigas, nam so dos melhores seculos, mas ainda do iii. e iv. e mais para baixo. Ajunte a estas as infinitas e maravilhozas inscriçoens modernas de Roma, ou esculpidas nos tumulos, ou em outros lugares, nas quais comumente se-tocam as virtudes dos defuntos; e diga-nos entam, se pezam mais estes monumentos, e estas inscriçoens, ou os elogios lapidares polo estilo moderno.

Nam

Nam á cidade onde se-vejam mais lapides nam so antigas, mas modernas, doque Roma : nas quais procuram imitar o bom gosto da antiguidade . Vi algumas melhores doque outras : mas confeso , que ainda entre as mediocres , e ordinarias *do seiscentos* , vendo se achava alguma semelhante aos elogios chamados *lapidares* , rarissima vi , que se-pudese dizer em tudo semelhante : aindaque algumas dos *seiscentos* tinham agudezas , e alguma tinha enigma &c. Somente no Collegio Romano dos Jezuitas vi trez, que me-pareceram semelhantes aos ditos . Uma era um distico sobre a fonte, onde bebem os estudantes : a qual os mesmos PP. tiràram , por lhe-parecer , que nam merecia estar ali . Duas ainda estam na Igreja , e os mesmos Religiozos doutos me-diferam , que eram reziduo dos seculos da ignorancia , e mereciam riscar-se . Pode ser que aja outras , que eu nam vise . Mas o certo é , que entre as modernas boas dos frontispicios das Basilicas &c. nam se-acha semelhante estillo .

IV E se isto fosse tam bom , como S. R. o - pinta , os Romanos de fino gosto nam deixariam de se-aproveitar nas ocazioens . Mas nos vemos todos os dias o contrario . Bastará , que citeis duas , paraque ele veja como escrevem . No carcere ou galé das Mulheres , que Clemente XII. mandou edificar , le-se esta inscricam .

CLEMENS. XII  
 COERCENDAE. MULIERUM. LICENTIAE  
 ET  
 CRIMINIBUS. VINDICANDIS  
 ANNO MDCCXXXV

E no famoso Colosseo puzèram ultimamente .



AMPHITHEATRUM. FLAVIUM  
 TRIUMPHIS. SPECTACULISQUE. INSIGNE  
 DIIS. GENTIUM. IMPIO. CULTU. DICATUM  
 MARTYRUM. CRUORE. AB. IMPURA. SUPERSTITIONE  
 EXPIATUM  
 NE. FORTITUDINIS. EORUM. EXCIDERET. MEMORIA  
 MONUMENTUM  
 A. CLEMENTE. X. P. M  
 ANNO. JUB. CIOICLXXV  
 PARIETINIS. DEALBATIS. DEPICTUM  
 TEMPORUM. INJURIA. DELETUM  
 BENEDICTUS. XIV. PONT. M  
 MARMOREUM. REDDI. CURAVIT

Se quer mais , leia o Donato Jezuita , (1) que traz as inscri-  
 foens fagradas deftes ultimos feculos , ou algum dos que tra-  
 taram das Basilicas , e verá , que infcrifoens os Papas , Car-  
 diais , e outros poem nas magnificas obras , que fazem : ou  
 com quais lapides os Romanos perpetuam a memoria dos mef-  
 mos Principes . E o que confirma melhor o que digo , está nif-  
 to , que ainda no feculo das agudezas , as infcrifoens publi-  
 cas de Roma comumente tem vestigios de melhor gofto . v.g.

INNOCENTIUS. X. P. M  
 OBELISCO. AEGYPTIO. QUATERNIS. FONTIBUS  
 EX. AQUA. VIRGINE. DEDUCTIS. IMPOSITO  
 NATALI. DOMO. PAMPHILIA  
 MAJOREM. IN. AMPLITUDINEM. EXTRACTA  
 AGONALE. FORUM. AMPLIFICATUM. EXORNAVIT  
 URBI. ROMAE. MAJESTATEM  
 ANTIQUAE. PULCRITUDINIS. AEMULAM  
 RESTITUIT

Temos logo , que S. R. está obrigado a procurar outros do-  
 cumentos : porque os que atéqui apontou , nem deſtruem a  
 autoridade extrinſeca , que confiſte na aprovaſam dos omens ,  
 B que

(1) De Urbe Roma L. III. c. 2. ſeqq.

que sabem Latim : nem a intrínseca, que se deduz da qualidade dos mesmos elogios, que sam contrarios ao bom gosto da lingua Latina, e Eloquencia.

Mas eu quero conceder a S. R. que algum moderno doutissimo defendese os elogios Lapidares : quero dar mais, que se achasem inscricaoens nam so modernas, ou dos seculos Ferreos, mas tambem do seculo Aureo, em que se vife o mesmo estilo : digo, que nada disto prova o seu assumto. Quando eu vos digo, que o bom gosto reina em Italia, nam quero dizer, que todos o tem : porque ignorantes, e teimozos acham-se em toda a parte : falo somente da maior, e melhor parte. No seculo de Augusto dominava em Roma a elegancia, e o bom gosto da Oratoria, e Poetica : contudo achamos, que nese mesmo tempo avia ignorantes, e tambem omens doutos, que cometiam erros no falar, e compunham obras, que nam agradavam aos eruditos de critica refinada.

Lede *Cicero in Bruto*, seu *de Claris Oratoribus*, e vereis, que tecendo a critica nam so dos Antigos, mas tambem dos Modernos, entre outros aponta os defeitos, em que cañam omens tam grandes como Quinto Ortencio, Lucio Sifena, os dois Lentulos, os dois Pizoens, M. Calidio, Licinio Calvo, e outros Oradores insignes seus amigos. Em outra parte o mesmo Cicero nota o estilo Estoico e seco de Catam Uticense, e de outros coetaneos. Oracio nas *Satiras*, e *Poetica* reprova mil defeitos de considerafam, que achavam nos omens de seu tempo : e tambem condena os que aprovavam as grasas de Plauto, que a ele Oracio pareciam insulfas. Comparai as obras, que temos de Lucrecio, de Varram, de M. Celio, de Salustio, de Vitruvio, com as de Cicero, Cornificio, Cezar, Nepote, Livio; e sem duvida julgareis, que distaram alguns seculos : e contudo viviam no mesmo seculo, e na mesma cidade. O mesmo Gramatico Ateio, mestre de Salustio, condenava no dicipulo, introduzir palavras antigas, e Gregas, e frases troncadas. (1)

Onde nem a elegancia, e gosto delicado de Catulo, de Tibulo, de Propercio, de Virgilio, de Oracio, dos dois Ciceros, de Cezar, de Nepote, de Atico, dos Brutos, dos

Azi-

(1) Consulte-se *Suetonio*, e *Aulo Gellio*. L. 4. c. 15.

Azinios, e de outros muitos do seu seculo impedio, que ouvessem ignorantes, e omens pouco elegantes e cultos: nem os varios ignorantes, que entam avia, impedem que a idade Aurea seja o exemplar do bom gosto em Letras Umanas. Assim que nam devemos julgar polo que faz um, ou outro: mas poloque aprova a maior parte dos doutos. E como estes reprovem os tais elogios lapidares; segue-se, que namobstante que um omem doutissimo, e de bom gosto, tentado por alguma paixam, ou obrigado da cortezia, disese o contrario, nam se-devia fazer cazo da sua aprovafam.

Finja S. R. que um Poeta ou erudito de Constantinopoli, para ter a aprovafam dos Catholicos, e eruditos mais remotos, tendo visto por acazo o seu nome no frontispicio deste livro, lhe-remetia com toda a cortezia um dos seus Poemas em Perfiano, ou algum elogio Turco das virtudes do Gram Senhor; e lhe-pedia o seu parecer. Que diria S. R. neste cazo? Se fosse Politico e douto, deveria responder com palavras gerais, e muitos comprimentos, dizendo, que a obra no seu genero era bela. Se nam fosse tam Politico, mas gostasse alguma coisa das ditas obras, accumularia mais elogios. Daqui porem inferiam mal os Turcos, que os bons Criticos de Portugal aprovavam o argumento, ou estilo das suas composicoens. Mas fomite deviam inferir, que parte por urbanidade, parte por obzequio de um tam grande Principe, que se-nomiava no frontispicio, lhe-tinham respondido com elogio. E quem disse a S. R. que alguma destas cauzas nam produzio aquela aprovafam? Onde nam me-parece que tem razam, em se-fundar tanto naquele argumento.

Se S. R. conta os muitos Jurisconsultos, que escreveram no seculo xiv. e xv. em varias partes da Europa, e principalmente em Italia; e os-compara com aqueles, que desde o fim do seculo xvi. com o socorro da Filozofia, da Istoria, e das linguas interpretaram as Leis; achará, que aqueles sam sem comparafam em maior numero, e muito mais conhecidos no Foro. Contudo esta grande multidam nam faz autoridade pola sua parte: porque oje nenhum Jurisconsulto verdadeiramente douto duvida, que os Jurisconsultos da dita idade tam longe estavam de interpretar bem as Leis, que antes embrulhavam, e escureciam tudo. Logo se a multidam nam dá

maior pezo a uma parte, quando se-reconhece a injustiça da cauza que defende; muito menos o-fará a autoridade de um fo omem, aindaque seja doutissimo.

Mas eu digo mais, defendo, que a maior e melhor parte dos eruditos reprova os elogios lapidares. Os mais empenhados por estes elogios, e os que espalharam este estylo pola Europa, foram os Jezuitas de França, e Italia no seculo da ignorancia do Latim: ou os que estudaram nas escolas da Companhia, e de la bebèram. Mas estes mesmos Jezuitas, que tem melhor gosto, emendaram-se desorte, que algum neste seculo, vendo que nam serviam senam de dar pabulo aos eruditos, chegou exprefamente a impugnar, e escarnecer os seus companheiros por este motivo. Falo do P. Joze Jouvency; que namobstanteque na sua Poetica figa varias opinioens antigas, tratando de Acrofticos, Anagramas, Grifos, e outras galantarias destas; contudo diz muito mal do P. Juglar, e dos que o-seguem. E quando os Jezuitas, que sam constantes em defender as opinioens recebidas nas suas escolas, e entre os quais seria um pecado inexpiavel, condenar publicamente uma coiza abrafada pola Companhia, chegam a imprimir com aprovafam dos seus Superiores, *que os elogios lapidares sam parvoices*; a parvoice deve ser tamanha, que nam caiba em toda Lisboa. Desorteque fo este argumento bem ponderado bastava para provar, que os elogios lapidares nem menos se-devem nomiar. E daqui se-conclue, que o argumento tirado da multidam, e do juizo, que fazem os mesmos empenhados, milita pola nosa parte.

Paso adiante e digo, que nam mostrará S. R. autor (ponho agora à parte os Jezuitas) destes dois ultimos seculos, que escreva perfeitamente Latim, e de bons preceitos de lingua Latina, que ou fasa, ou defenda que se-devem fazer elogios Lapidares. Direis vos, que é muito apertar, e que o Elogista responderá, que eu nam os-li todos, e que digo uma propozifam temeraria. Mas eu respondo, que os que tem fama publica de serem bons Latinos quazi todos os-li. E aindaque algum me-escapàse, digo, que se ele escreve bem Latim, nam é posivel que componha, ou aprove elogios Lapidares, se nam é por fazer escarneo.

Quando falo dos que escrevem bem Latim, nam entendo

do aqueles , que em alguma provincia , ou reino tem conseguido esta fama : porque nisto á muito engano : achando-se pouquissimos que possam ser juizes competentes : e muitos que chamam bons Latinos a outros , que estam muito longe d'isto . Falo dos que tem a aprovafam dos reinos Estrangeiros , e principalmente dos criticos Italianos ; que nesta materia tem melhor gosto que as outras nafsens , como confesam os mais insignes , e rigorozos criticos Estrangeiros. (1) E quando S. R. nos mostrar um destes autores insignes , que fasa , defenda , e aprove elogios Lapidares à moderna , aindaque nam de forsa à sua opiniam , contudo sempre lhe-ficaremos muito obrigados pola noticia .

Digo , que nam dará forsa à sua opiniam , nam so poloque afima difemos , que o testemunho de um so omem nam prova nada ; mas porque a idade , em que escrevia , o-acuza . No seculo das agudezas os omens grandes aindaque conhecesem o ridiculo daquele estilo , nam podiam dizer claramente o seu parecer , porque seriam apedrejados : onde ou se-aviam de calar , ou conformar-se com o estilo dominante . E por isto alguns dos que tiveram melhor juizo no seculo pasado , em certas ocazioens publicaram obras de pessimo gosto : porque se compuzesem de outra sorte , ninguem os-leria : se reprovassem o estilo dominante , todo o mundo se-levantaria contra eles . Nem deve isto parecer a S. R. encarecimento , porque

B 3

ain-

(1) „ Quo fere vitio ( per-  
 „ peram imitandi auctores bonos )  
 „ Transalpini homines laborant,  
 „ id quod minus, quam Itali,  
 „ judicio valeant ..... Hinc porro  
 „ evenit, ut longe plures una  
 „ Italia, quam cetera Europa,  
 „ produxerit seu soluta, seu pe-  
 „ dibus illigata orationis laude  
 „ insignes: quorum non pau-  
 „ cos ne Ciceronis quidem, &  
 „ Virgilii ætas aspernetur. Ga-  
 „ spar Scioppius Germanus Epist.  
 „ V. ad Julium Casarem Capac-

„ cium, qua extat ad calcem Gram-  
 „ maticæ Philosoph. „ Italorum  
 „ longe dispar est ratio. Pri-  
 „ mum enim non nisi optimum  
 „ legere, & ad imitandum sibi  
 „ proponere solent: quod judi-  
 „ cio, quo ceteras nationes  
 „ omnium consensu superant,  
 „ imprimis est consentaneum:  
 „ Deinde nihil non faciunt, ut  
 „ evitent omnia, unde aliquid  
 „ infuscandæ & contaminandæ  
 „ orationis periculi ostenditur.  
 „ Idem de stile Historico p. m. 57.

ainda oje succede isto . O mesmo P. Segneri, que foi o que abriu os olhos aos Italianos na Oratoria vulgar, foi muito mal recebido ao principio: e so no fim do seculo pasado, é que comensaram a imitalo: e o bom gosto do vulgar trouxe consigo a restauraçam do Latim na mesma Italia. E por isto sam desculpaveis os que escreveram no seculo pasado, porque nam podiam compor de outra sorte: mas nam provam nada, porque todos seguiam os mesmos ditames. Onde aindaque encontremos infinitos Elogistas Lapidares em Italia, nam devemos admirar-nos, se consideramos a causa diso.

Os mesmos que quizeram emendar o estylo, nam pudèram de um jato despir-se de todos os prejuizos. Monsenhor Boldonio compoz um livro (1), para ensinar o bom gosto dos elogios Lapidares, obra de grande trabalho. A ouvilo em alguns preceitos, nam á coiza melhor: todos julgariam, que o omem nam aprovaria senam os elogios do seculo de Augusto. Ele reprova as agudezas, e nam admite algumas senam com muita reflexam. (2) O empregar-se nelas, segundo diz, é coiza de rapaz, e bobo. (3) Ninguem deve cuidar niso, senam os que souberem fazer inscricoes puras, simplezes, e magestozas: (4) o que explica largamente, e traz alguns exemplos excellentes. Mas quando voltamos folha, e o-vemos tratar das Argucias simplezes, e compostas; das Alegorias, Enigmas, Aliteraçoes, Anagramas, Agnominaçoes, e outras destas puerilidades. Quando vemos confirmar isto com as inscri-

(1) Intitula-se, *Epigraphica*,  
*Perusia* 1660. fol.

(2) „ Argutiis venandis promiora fere esse, quo leviora  
„ ingenia. *L. VI. Monit. 3.* „ Argutiarum studium sanis mentibus postremum esse, infanis primum. *ibid. Monit. 5.*

(3) „ Denique quod aliis  
„ *facetia*, aliis *joci*, aliis *nugæ*,  
„ profecto si hæc imprimis quaras, puerilem præ te fers genium: si sola quaras, scur-

„ ræ speciem ac parasiti. *ibidem* pag. 662.

(4) „ Hinc certe documentum sanum licebit capere, fore eum tibi gradum facilem ad elogiasticæ gloriæ fastigium, si non ante ad argutias studium convertas tuum, quam fueris edoctus inscriptiones fundere puras, simplicesque, cum stili tamen munditie, perspicuitate, ac dignitate. *ibidem*.

crisoens modernas. Voltar, e revoltar o Grutero, e Reine-  
sio para achar na Antiguidade alguns vestigios de inscricaoes  
em circulo, e triangulo, e de agudezas; sem observar em  
que seculo era; sem distinguir se é espuria; sem considerar  
se merece estimasam: como se em todos os seculos nam se-a-  
chafem erros! Quando o-vemos louvar o Juglar, o Tezau-  
ro, o Masculo, o Pola, e outros Elogistas Lapidares: en-  
tam nos confirmamos, que o omem ainda se-achava mui lon-  
ge do bom gosto, que queria inculcar. E basta ver o seu mo-  
do de compor: aquelle dizer mui pouco com muitas palavras;  
aquele amontoar erudisam superflua; aquelle Latim afetado;  
aquella dezigualdade de estilo; e outros defeitos que a cada  
paso se-encontram nele; para conhecer que nam tinha bom  
gosto, aindaque nam seja totalmente barbaro. Se o-fize-se de  
propozito, nam sei: o que sei é, que este exemplo confirma  
plenamente, que os *seiscientistas*, aindaque doutos, tinham  
mil prejuizos, e nam fazem texto no que aprovam, quando  
nam aja outro adminiculo.

Nem se-admire diso S. R. porque ainda neste seculo, que  
é a idade do bom gosto em todo o genero, se-encontram mon-  
strozidades de ignorancia. Certo Tudesco compoz um livro  
em doze, para ensinar a escrever cartas Latinas. Nele diz,  
que o estilo dos antigos Latinos nam serve, e que as cartas  
de Cicero, e Plinio nam valem nada: que sam coizas anti-  
gas, e de pouca utilidade. E assim publica um metodo de  
cartas todas cheias de superlativos, de complimentos mo-  
dernos, e de tais despropozitos, que nam se-podem ler sem  
estalar com rizo: nas quais fala Tudesco com palavras meias  
Latinas. Quem disera, que neste seculo, e em Alemanha, on-  
de em algumas provincias, reina o bom gosto, fairia tal li-  
vro! Contudo saõ, e muitos se-aproveitam dele. Onde  
nam é maravilha, que em outros reinos apareçam elogios La-  
pidares: porque, como ja disse, em todas as idades á bom,  
e mau.

Aperto o argumento, e digo, que entre os mesmos Je-  
zuitas, aquelles, que escrevem bem Latim, nam publicam tais  
compozicoens. Nam sam muitos os Jezuitas, que tenham fa-  
ma publica de escreverem bem Latim: contudo eses tais omens  
doutos nam admitem semelhantes rapaziadas. No seculo XVI.

louva-se o Scoto, o Perpiniano, o Benci, o Cipriano Suares, o Manoel Alvares, o Turfelino, o Galuzio, o Maffei; acrescentemos tambem os Conimbricenses, e Fonseca, ainda que inferiores aos ditos, e algum outro, mas raro. No seculo pasado o Strada, o Cauffino, o Petavio, o Vavaffeur, o Sirmondo: ainda que estes Francezes sejam floridos, e declinem alguma coiza do seculo de Augusto. No seculo presente o Lagonarsini, o Contucci, o Venturi, o Rotti, o Galeoti, e outros Italianos, que agora nam me-ocorrem; alguns dos quais escrevem melhor em verso, doque em proza. (1) Estes sam os melhores prozistas Latinos. Mas nam achará S. R. que estes fizessem elogios Lapidares à moderna. Achará sim, que o P. Petavio nas dedicatorias em fôrma de inscriçoens, que poem no principio dos tomos de Teologia, nam faz mais que explicar a materia, que cadaum contem, com muita brevidade e gravidade, sem genero algum de conceito. E que o P. de la Rue, devendo compor certas inscriçoens para perpetuar a memoria dos Generais, que cooperaram para os triumphos de Luiz XIV., nam seguio o estylo lapidar, mas o do seculo de Augusto. v. g.

LUDOVICO. PRINCIPI. CONDEO  
 TRIBUS. AD. SENEFUM. EXERCITIBUS. FRACTIS  
 HENRICO. PRINCIPI. TURRENIO  
 SERVATIS. REGNI. FINIBUS. PULSIS. ULTRA  
 RHENUM. GERMANIS. EORUM. EXERCITU  
 QUATER. CAESO  
 FRANCISCO. MARESC. CREQUIO  
 DELETIS. INCRUENTA. VICTORIA  
 GERMANORUM. COPIIS

E o

(1) Acham-se mais autores que escrevam melhor em verso, que em proza. v. g. Entre os Poetas do seculo XVI. o Pulcarelli, o Remond, o Stefonio. Do seculo XVII. o Strada, Sidronius Oschius, Valius, Sarbievio, Rapin, Comire, Mi-

lieu, Joninus. Do seculo XVIII. Savaftani, Quinziiis, Carsughi, Fabretti, Noceti, Strozzi, Rogacci, Cordara, Carpani. Estes sam dos mais insignes Poetas Latinos entre os Jezuitas, e alguns deles nam cedem a nenhum outro secular insigne.



E o P. Decolonia tambem Jezuita querendo ensinar como se-fazem Epinicios, tendo tantos exemplos de caza, nam citou os outros, mas o P. de la Rue. (1) E contudo, se este, ou os outros fizefem o contrario, teriam desculpa: porque ou o costume, ou a necessidade os-defenderia.

E se o estilo lapidar é tam bom, como o do seculo de Augusto; porque nam se-servio dele o P. de la Rue em uma ocaziam de tanto empenho? Sendo pois que estes Jezuitas, que nomeio, sam os maiores omens que neste genero produzio esta douda, e illustre religiam; e omens que merecêram a approvafam dos seculares doutos, que sam os que comumente julgam sem prejuizos; se estes nam fizeram tal, porque avemos de fazer cazo de quatro individuos; que, por saberem pouco, ou por estarem preocupados nesta materia, como estam alguns Tudescos, Polacos, Ungaros &c. fazem o contrario? De que concludo, que os melhores Latinos entre os Jezuitas ou tacitamente, ou exprefamente defendem a nosa opiniam.

Eis aqui o que o Reverendo Elogista responde ao primeiro ponto: *Se se-podem fazer elogios Lapidares*. E vos lhemoftrareis, que isto é uma certa coiza, que se-chama entre os Literatos, *nam responder nada*. O que nele é menos desculpavel doque nos outros: porque tendo copiado pola sua mam todas as cartas do Critico, devia-se lembrar das razoens que dava, para saber o que avia de responder a elas: e nam pafar em claro os principais, e fortifimos argumentos.

O segundo ponto, que o Critico tocon, era, *que nam se-deviam compor livros com forma de elogio lapidar*: advertindo de pasagem, que se as tais divizoens de regras sam so proprias de lapide, nam avia razam paraque se-compuzefem livros desta sorte. E como isto é coiza que todos percebem, e nenhum erudito pode duvidar, que quem pratica o contrario faz um dezacerto; julgou, que nam necessitava de mais prova, e pafou adiante. Aqui pois S. R. dilatou a sua erudifam, e fez pompoza mostra da profunda noticia, que tem das Antiquidades Romanas: mas com tanta infelicidade, que em poucas palavras diz varios erros, e mostra, que nunca vio inf-

(1) *De Arte Rhetor. L. IV. c. 1. §. XII.*

crisoens, nem monumentos antigos.

Primeiramente o Critico nam necessitava de provar uma coiza, que fala de si. Concedendo de graça, que as inscriçoens devam conter regras deziguais; sempre fica em pe a difficuldade, que os livros nam se-devem compor como as inscriçoens: porque cada argumento tem seu estilo particular, e nam devemos confundir os estilos. Os frontispicios dos livros constam de regras deziguais, umas encarnadas, outras negras, e todas comumente maiusculas, e de diferentes quadrados e grandezas; e tem no meio uma estampa &c. Mas quem compuzese um livro inteiro desta sorte, aindaque contivese a melhor materia do mundo, diriam todos, que era doído: nam por outra razam, senam por fazer uma coiza ridicula, afetada, sem utilidade alguma, e difficultoza de ler-se: porque com tantas divizoens se-perderia o sentido, e nam se-consequiria o fim do autor, que era ser entendido polos leitores.

Pasemos adiante. O Breviario Romano tem muitas rubricas, e tambem letras iniciais encarnadas. Ora eu tenho por certo, que se S. R. vise um livro de Filozofia escrito da mesma sorte, nam deixaria de se-ri-r, e escarnecer o impressor. Contudo nam seria isto um cazo, que merecêse castigo: porque com isto se-podia compadecer, que a Filozofia fosse muito boa, a lingua elegantissima, e os periodos bem distinctos: mas sempre era uma famoza parvoice.

Se S. R. fosse mais versado nos diferentes estilos Latinos, doque nam é, acharia, que cada argumento tem suas palavras, e seu estilo particular: os quais nem os Antigos confundiram, nem os Modernos doutos confundem. Cicero nas suas cartas de recomendavam comumente acaba com estas, ou semelhantes palavras: *Quod ut facias, vehementer te etiam atque etiam rogo*. Em todas as cartas serve-se de certas formulas, que sam particulares do estilo familiar, e epistular. Estas porem postas na orasam pro *Lege Manilia*, pro *Milone*, pro *Archia*, nas *Filipicas*, e outras partes, seriam coiza ridicula, aindaque as palavras sejam elegantissimas. Aqui serve-se de um estilo, nas cartas de outro, na Filozofia, e Retorica de outro.

As inscriçoens funebres dos antigos Romanos comestam comu-

comumente asim, D. M. que quer dizer, *Diis Manibus Sacrum*: o que os Cristãos convertèram nestas letras, D.O.M. *Deo Optimo Maximo*: Acabam comumente com estas, ou semelhantes, M. P. ou F. que quer dizer, *Monumentum Posuit*, ou *Fecit*. Seria porem um destempero sem desculpa, comear uma carta Latina com estas letras D. M. e acabar com estas M.P. porque a isto chama-se confundir os estilos, sem mais razam que querer-se distinguir dos outros, e mostrar-se versado na Antiguidade.

As melhores inscriçoens antigas são brevissimas, e comumente nam tem verbo: v. g.

SENATUS  
POPULUS.QUE.ROMANUS  
DIVO.TITO.DIVI.VESPASIANI.F  
VESPASIANO. AUGUSTO

porque se-entende, *fecit, posuit, dicavit, dedit &c.* conforme as inscriçoens. Os que porem quizesem escrever do mesmo modo uma carta, ou uma orasam, seriam ridiculos: porque alem da impropriedade, nam se-entenderiam. Nam seria isto um delito de leza Magestade, mas uma afetasam ridicula, sem necessidade alguma. Damesma sorte, quem comesa uma orasam academica por estas palavras: *Si vos, libere vestri valetis, bene est, ego quidem valeo*: de que usavam os Romanos escrevendo ao Senado, ou a alguma sociedade de Publicanos &c.; ou por estoutras: *Estimarei que VV. MM. passem com saude, e livres de cuidados*: seria materia de rizo, por ser uma impropriedade, e parvoice. E o mesmo diz o Critico, do compor livros em estilo lapidar: e com razam lhe-chama parvoice: como tambem seria igual parvoice, compor uma inscricao no estilo epistular. Isto parece tam claro, que seria ainda maior parvoice, querer provalo difuzamente. Mas vejamos o que diz S. R. neste cazo, e que singular erudisam nos-oferece, para confirmar esta sua celebre opiniam.

„ O que os Antigos, *diz ele*, escreviam nas lapides comumente eram louvores de Principes, e Eroes, a quem

as tais lapides se-confagravam , para perpetuarem a sua memoria . \* Escreviam estes louvores demaneira , que as palavras nas lapides nam ficafem nas regras truncadas . \* Se as palavras eram de muitas filabas , punham na regra menos palavras , e talvez punham fo uma , e pasavam a outra regra : de que se-seguia necessariamente , ficarem umas regras maiores que outras .

Antes de responder a este formidavel argumento , advertirei , que estas trez propozicoens como se-acham sam falsas . Em primeiro lugar S. R. nam nos-faz a merce de explicar , quem eram estes Antigos , se Persianos , se Gregos , se Romanos . Mas ainda supondo que fossem Romanos , nam nos-diz , se foi no tempo dos Reis , se da Republica , se dos Imperadores . Devendo saber , que nam fo estes trez tempos varreiam muito entre si , mas que em cadaum deles ouve uma e outra diversidade em algumas coizas , como asima difemos .

Isto suposto , a primeira propozicao é falsa por varias razoes . 1. Porque entre as inscricoes antigas , que temos , sam muitas mais sem comparafam alguma as que tratam de outros argumentos , doque as que contem louvores de Principes , e Eroes ; como S. R. pode ver nos coleitores de inscricoes . 2. Porque as inscricoes , que existem dos melho-res seculos , tanto da Republica , como dos Imperadores , nam sam elogios de Principes , no sentido que S. R. o-toma : ( isto é , nam contem istorias compridas , encarecimentos , e agudezas ) *sam uma breve , e mera narrasam , sem ornamento algum , das obras que fizeram* . Isto nam requer mais prova que os monumentos , que ainda se-acham em varias partes , e principalmente em Roma . Cujas inscricoes nem sempre confagravam outras peoas , como S. R. supoem ; mas os mesmos fundadores mandavam esculpir nos banhos , porticos , theatros , portas , templos , arcos , aquedutos , pontes , estradas publicas , e coizas semelhantes , que mandavam fazer .

No foro Romano achamos duas inscricoes quazi semelhantes , em uma das quais está escrito :

P. CORNELIUS . PAULLI . F. SCIPIO  
AFRICANUS . COS . II . CENS  
AUGUR . TRIUMPHAVIT . II

Na lapide que se achou no trofeo de Mario , ve-se um epilogo das muitas batalhas que venceo , sem genero algum de elogio . (1) Pompeo Magno no templo de Minerva , que edificou despois de conquistada a Azia , poz esta inscricao : (2)

CN . POMPEJUS . MAGNUS . IMP . BELLO . XXX  
ANNORUM . CONFECTO . FUSIS . FUGATIS . OCCISIS  
IN . DEDITIONEM . ACCEPTIS . HOMINUM . CENTIES  
VICIES . SEMEL . LXXXIII . M . (3) DEPRESSIS  
AUT . CAPTIS . NAVIBUS . IOCCCXLVI . OPPIDIS  
CASTELLIS . CIOIOXXXVIII . IN . FIDEM . RECEPTIS  
TERRIS . A . MEOTIS . LACU . AD . RUBRUM  
MARE . SUBACTIS . VOTUM . MERITO . MINERVAE

No pedestal do obelisco , que o mesmo Augusto mandou levantar no Campo Marcio , e se descobrio no ano 1748 . está escrito com regras iguais despois da segunda :

IMP . CAESAR . DIVI . F  
AUGUSTUS  
PONTIFEX . MAXIMUS  
IMP . XII . COS . XI . TRIB . POT . XIV  
AEGYPTO . IN . POTESTATEM  
POPULI . ROMANI . REDACTA  
SOLI . DONUM . DEDIT

Outra totalmente semelhante se acha no obelisco da porta do Populo . Nam se-pode negar , que Cipiam , Mario , Pompeo , e Au-

(1) Alem do Fulvio , e Marliano , descreve a mesma lapide o *Nardini Roma Antica* pag. 380. Consta de proza , as regras de uma parte sam iguais , mas nam acabam na mesma

linha .  
(2) Veja-se *Plinio l. VII. c. 26.* e *l. XXXVII. c. 2.*

(3) Doze milhoens cento oitenta e trez mil omens .

e Augusto fizeram proezas singulares, e que mereciam os maiores elogios. Contudo os Romanos nam lhos-fizeram da forma que S. R. faria. Estas sam do seculo Aureo. (1)

Ainda despoisque o imperio se-reduzio a monarchia, e no Senado, e povo reinou a adulafam; ou os mesmos Imperadores, para conservarem a memoria dos seus bemfeitores, lhe-erigiram monumentos; se-conservou com pouquissima diferenfa o mesmo estilo. No arco triumphal de Tito ve-se a inscristam, que afima aponto. Dos Vespazianos existem muitas inscristoens de agradecimento, com muita simplicidade e natureza: uma com regras iguais diz afim: (2)

IMP. CAESARI  
DIVI. F. T. VESPAS  
IANO. AUGUSTO  
PONT. MAX. TRIB  
POT. IMP. X. P. P  
CENSORI. CONSER  
VATORI. AEDIUM  
PUBLICARUM. ET  
RESTITUTORI. AEDIUM  
SACRARUM  
SODALES. FLAVII  
P. MARTIUS. VERUS

Na coluna Trajana triumphal acham-se estas palavras com regras iguais:

SENATUS. POPULUS. QUE. ROMANUS  
IMP. CAESARI. DIVI. NERVAE. F. NERVAE  
TRAJANO. AUG. GERM. DACICO. PONTIF  
MAXIMO. TRIB. POT. XVII. IMP. VI. COS. VI. P. P  
AD. DECLARANDUM. QUANTAE. ALTIUDINIS. MONS  
ET. LOCUS. TANTIS. EX. COLLIBUS. SIT. EGESTUS

(1) *Grutero Tom. I. Inscript.*  
*pag. 389.* traz uma lapide de  
Florenfa, que refere as proe-  
zas de Apio Claudio Cego,  
com regras iguais, e sem ge-

Na  
nero algum de elogio. Este  
floreceo mais de 250. anos an-  
tes de Cristo.

(2) *Grutero ibid. pag. 244.*

31

106

Na columna Antonina triumphal le-se outra tal inscricao como proza . E no pedestal de relevo da outra columna Antonina , que está defronte da curia Inocenciana , vemos escrito com caracteres de bronze , e com regras perfeitamente iguais ;

DIVO . ANTONINO . AUG . PIO  
ANTONINUS . AUGUSTUS . ET  
VERUS . AUGUSTUS . FILII

Nas inscricoes das aguas Marcia , e Virgem , que sam dos Imperadores Augusto , Claudio , Vespaziano , M. Aurelio , nam se-acham elogios , mas a simplez narraçam do que fizèram . A de Augusto diz fomite : *Rivos aquarum omnium refecit . (1)*

Todos estes monumentos sam do primeiro , e segundo seculo de Cristo . Estes Imperadores eram quazi todos omens grandes , e que bem mereciam elogios lapidares : viviam em um tempo , em que os Augustos eram tratados com tanta adulasam , que pasava a impiedade , pois na morte lhe-davam o titulo de Deuzes , *Divus* : mas por infelicidade daquele tempo nam chegàram a telos . E o que tem mais grafa é , que quando as cidades , ou os particulares lhe-consagravam lapides , em memoria de beneficios recebidos ; explicavam-se damesma forte sem elogio lapidar , como S. R. pode ver no Grutero , Reinesio , Muratori , em capitulos separados .

Verdade é , que la se-acha nos dois melhores seculos algum vestigio de mau gosto , e la vemos no terceiro seculo duas inscricoes funebres , feitas polos dois exercitos aos Imperadores Gordiano , e Probo , que tem sua agudeza : porem isto nam pegou entam . Mas o que merece maior reflexam é , que nam obstante nos fins do IV. seculo começafem a aparecer algumas inscricoes agudas e encarecidas , principalmente as sagradas ; (2) contudo nam fo por todo ese seculo as inscricoes publicas , digo feitas por autoridade publica , sam toleraveis ; mas tambem no tempo de Arcadio , e Onorio , no principio do

(1) Veja-se o *Fabretti de Aquis , & Aqueductibus* . (2) *Baronius Annal.* traz nes ses seculos algumas .

do V. seculo, e ja na idade Ferrea da lingua Latina, ainda-  
que as melhores inscricoes declarem a depravaçao do seculo;  
contudo sam differentissimas dos elogios Lapidares. Acham-se  
em Roma na porta de S. Lourenço junto da porta Maior, inscricoes  
de se tempo soffríveis. Porei so uma, que estava nas  
estatuas: (1)

IMPERATORIBUS. INVICTISSIMIS. FELICISSIMISQUE  
D. D. N. N. ARCADIO. ET. HONORIO. FRATRIBUS  
SENATUS. POPULUS. QUE. ROMANUS  
VINDICATA REBELIONE  
ET. AFRICAE. RESTITUTIONE. LAETUS

E passando ao VI. seculo, em que la para o fim comesa-  
ram a compor inscricoes de proza e verso, e tambem alguns  
Acrosticos; (2) quero dizer, em que se perdeu totalmente o  
bom gosto; ainda assim as inscricoes publicas nam sam elo-  
gios lapidares. Na ponte Salara de Roma está outra do meio  
de se seculo, que faz memoria das batalhas, que venceu Nar-  
sete General de Justiniano: a qual, aindaque tem alguns ter-  
mos contra o costume dos seculos cultos; contudo explica-se  
com muita brevidade, e nobreza. O que mostra, que ainda  
nos seculos rudes os melhores monumentos tem vestigios da  
boa antiguidade.

Que mais bela ocaziam para dizer conceitos e agudezas,  
que na morte de um grande Imperador, de um fiel amigo, de  
uma mulher, ou filho com extremo adorados? contudo aqui  
mesmo se-conhece o estylo Romano, de explicar-se em duas  
palavras, e sem agudeza nenhuma. Na Mole Adriana ou Cas-  
telo S. Angelo em Roma acha-se o epitafio de Adriano, que  
sam duas palavras. Todas as elegias, epicedios, e epitafios,  
com que os maridos, e pais dezaçogavam a sua pena, eram  
estas ou semelhantes: *Uxori optimae & suavissimae: Filio  
dulcissimo & obsequentissimo fecit, vel lacrimas posuit*. E  
aindaque nesses seculos se-ache algum epigrama mais compri-  
do,

(1) *Gruteri Inscriptiones Tom. I. p. 287.* | (2) *Idem Baronius Appendix ad ann. 553.*



107

do, comumente nam tem agudezas, e menos das lapidares. Os mesmos Cristaos, que foram dos primeiros que admitiram as agudezas, nam celebravam comumente as vitorias dos seus martires com outros elogios, que estes: *Hic requiescit . . . . qui vixit annos xxx. m. lll.* e outras semelhantes, pondo-lhe o final do martirio. (\*) Desorteque em nenhuma parte dos melhores seculos se ve o que S. R. afirma.

A segunda propozisam do Elogista tambem é falsa: porque nam á coiza mais comua nas inscricoes, que palavras nam so abreviadas com um ponto, mas truncadas no fim da regra. Disto está cheio o Grutero, Reinesio, Muratori, e outros autores. Apontarei so duas: uma do seculo de Augusto diz assim: (1)

REGI . JUBAE . REGIS
JUBAE . FILIO . REGIS
HIEMPSALIS . N . REGIS . GAV
PRONEPOTI . REGIS . MASI
NISSAE . ABNEPOTI . N . E . P . D . I
II . VIR . QUINQ . PATRONO
COLONIAE
COLONI . ET . INCOLAE
LIBERTINI

A outra quazi do mesmo tempo diz isto: (2)

JULIAE . A
GRIPPINAE
CAES . AUG
GERM . MA
TRI . AUG
N . CIVITAS
ARUCCITANA

C

Alem

(\*) No *Avingho Roma Sub-  
terranea* L. III. c. 22. e no *Bol-  
detti Osservazioni sopra i Ci-  
miteri* L. I. c. 3. e outros acha-  
rá alguma de martires do se-  
culo II. &c. com elogio, mas

mui diferente do lapidar .  
(1) *Reinesio Inscription.* p 329.  
(2) Veja-se o *Baldonio Epi-  
graphica* L. II. p. 282. onde traz  
tambem outra de Julia filha de  
Julio Cezar.

Alem disto temos em Piza no Campo Santo duas belas lapides do seculo de Augusto, monumentos publicos, e ambas principalmente a maior tem regras perfeitamente iguais, e muitas palavras divididas no fim. Descreve-as o Boldonio, (1) onde S. R. as-pode ver. Da guerra dos Servos no ano de Roma 680. temos uma bela inscricao, que julgamos eruditos ser fragmento dos *Anais Maximos*, de proza continuada, e mil palavras truncadas no fim, avendo lugar para as-acabar. (\*) E decendo mais para baixo, na orasam do Imperador Claudio, que se acha em Leam inciza em duas taboas de cobre, sobre o dar a cidade aos Galos, acha-se proza continuada, comefando todas as regras em uma linha, e palavras truncadas no fim, aindaque ouvêsa campo para as-acabar. (2) Este era bem vizinho ao seculo de Augusto. Isto mesmo vereis a cada passo nas inscricoes dos seculos mais cultos. Alem da de Tito, que acima aponto, e outras dos mesmos trez Vespazianos, que todos os momentos se-encontram; (3) lemos semelhantes inscricoes do tempo de Nerva (4) Adriano (5) Antonino (6) Severo (7) Diocleciano (8) e infinitas outras que seria longo narrar. (9) E sem sair de Portugal, algumas lapides se-acham da mesma idade com palavras truncadas. (10) Desorteque afirmar o contrario é mostrar, que nunca vio inscricoes, nem abrio livros.

Mas o que tira toda a duvida está nisto, que Quintiliano, que escrevia entre o ano 91. e 94. do I. seculo de Cristo, trata

expre-

(1) Ibid pag. 57. seqq.

(\*) *Muratori Nov. Thesaur. Inscription. Tom. I. c. 1. & 3.*

(2) *Grutero Inscription. Tom. I. p. 502.*

(3) *Idem ibid. p. 243.*

(4) *Ibid. pag. 199.*

(5) *Ibid. p. 10. e 161.*

(6) *Ibid. p. 7.*

(7) *Ibid. p. 11. e 169.*

(8) *Ibid. p. 58. 167.*

(9) *Ibid. p. 4. 5. &c. e Reinesio p. 172. 311. 332. 334. &c. Navdini Roma Antica p. 298.*

391. 467. E na prefasam do Tomo IV. das *Antiguidades Romanas do Grevio* achará lapides dos seculos cultos com palavras truncadas no fim. E o *Fabretti de Aquis & Aquadufibus* traz varias inscricoes de Principes, com regras iguais, palavras truncadas, e sem elogio. Pode-o ver no Tomo IV. do *Grevio*. E o *Muratori* no lugar citado pag. 312. 337. 340. traz muitas dos bons seculos. (10) *Grutero ib. p. 262. & alibi*

expressamente da materia de dividir as sílabas no fim da regra, nam como introduziam nova, mas como coiza velha e uzual. (1) Desorteque ja nam têm lugar a queffam, se os Romanos troncavam as palavras, porque o exemplo, e autoridade o-persuadem. O R. Elogista ouvio cantar o galo, mas nam sabe onde.

A falsidade da terceira propozifam mostra-se claramente das inscricoes que atègora citâmos: as quais, tirando a de Pompeo, que nam existe, constam comumente de regras iguais como proza. Por nam falar em outros monumentos mais antigos, que estam em Roma, e principalmente no Capitolio no palacio dos Conservadores: v. g. a coluna de Caio Duilio, cujas regras, como mostram os fragmentos, (2) eram proza continuada e corrente: e as duas estatuas de Julio Cezar, e Augusto, cujas inscricoes sam de regras iguais &c.

Alem diso ve-se o mesmo no epitafio e elogio de Cipiam Barbato, que consta de regras iguais: e este monumento, como julgam os eruditos, é do mesmo tempo de Caio Duilio. (3) Os mesmos Fastos Capitolinos, que é um antigo monumento, que se- conserva no Capitolio, sam escritos com regras iguais, aindaque tenham frequentes vazios no meio. Os fragmentos da lei Agraria, copiados do bronze, que está em Veneza, e mostram que foram incizos despois do ano de Roma 642. isto é 112. anos antes da Era Vulgar, constam de proza continuada, aindaque as regras nam acabem todas em uma linha. (4) A inscricam da guerra dos Servos, no ano de

## C 2

## Ro-

(1) „ Est etiam in dividendis verbis observatio, mediam litteram consonantem priori, an sequenti syllabæ adjungas. *Aruspex* enim, quia pars ejus posterior a *spe-* *stando* est, S litteram tertiæ dabit: *Absternius*, quia ex abstinentia *temeti* composita vox est, primæ relinquetur. *Istitution. L. I. c. 13.*

(2) A inscricam da coluna Rostral de Caio Duilio traz o Vinando Pighio *Annales Roma-*

*norm Tom. II. p. 25. e 26.* onde nam so ele supre as palavras, que saltam; mas traz o suplemento de Ciaconio e ambos a-fazem de regras iguais. Este é o mais antigo monumento Latino, ou dos mais antigos que temos: porque Duilio venceo os Cartaginezes 259. anos antes da Era Vulgar.

(3) Veja-se o *Grutero Antiquit. Rom. Tom. IV. pag. 1835.* que traz a figura.

(4) *Pighius Tom. III. pag. 137.*

Roma 680. é da mesma forte : e as outras, que traz o Muratori nos lugares citados , contem o mesmo . A lei Regia inciza em cobre , que se-acha em S. Joam Laterano , e contem o *Senatus consultum* , com que o Senado concedeo a Vespaziano auzente o Consulado com todos os poderes &c. consta de proza continuada : as regras comefam todas em uma linha , aindaque nam acabem na mesma . (1) Nam cito mais , por nam encher papel .

Onde aindaque ouvêse sitio para porem mais palavras , muitas vezes nam as punham : como se-ve nas inscriçoens acima apontadas , principalmente na de Mario : e nos arcos de Severo , e Galieno sendo as regras comumente iguais , la tem uma ou duas deziguais : e o de Constantino tem uma mais pequena . Algumas vezes , nam avendo campo , abreviavam a palavra com um ponto : e outras , avendo campo bastante, troncavam as disoens , e punham o resto das silabas na regra seguinte : como se-ve na orafam de Claudio , e outras do paragrafo antecedente . Alem de varias lapides &c. tanto do seculo Aureo , como dos inferiores , que traz o Grutero , e constam de regras perfeitamente iguais : v. g. a de Adriano, que está no dito palacio do Capitolio ao pé da escada , e sustenta um leam : Desorteque nam pola razam , que dá S. R. mas por outra diferente o-faziam . E nenhuma parece mais verosimel que o dizer, que muitas vezes para encher o campo, em que estava a inscrifam, o-faziam : outras por erro do incizor , que esculpia, e dividia as disoens como lhe-parecia. Para o-dizer , tenho varias razoens .

Vemos que muitas vezes os nomes proprios sam de letras maiores , outras vezes todas as letras sam iguais . Umas vezes o nome proprio ocupa uma so regra , outras vezes duas . Varias vezes está separado do corpo da inscrifam , outras faz com ela un corpo inteiro . Ve-se isto claramente no arco de Tito : pois costumando os Romanos pôr sempre S. P. Q. R. unido em uma regra , nele se-acha o *Senatus* na primeira , e desta forte a inscrifam ocupa toda a lapide .

Confirma-se novamente com as lapides, em que as primeiras regras sam todas iguais : depois seguem-se outras mais

pe-

(1) *Ibid.* pag. 609.

37

pequenas todas iguais : e contudo toda a inscriçam começa na mesma linha . Confirma-se com algumas palavras mal truncadas , em que vemos divididos os ditongos : (1) outras vezes duas consoantes no principio da regra , (2) como esta :

REIP. ARU  
CCITANAE

Confirma-se alem disto com as unioens dos ditongos , que se acham em algumas inscriçoens : com as letras encadeadas, que se observam em outras principalmente nas medalhas : com os acentos, que vemos em alguns marmores : (3) o que era defeito dos incizores , mas nam costume da lingua : pois sabem todos os eruditos , que nos melhores seculos nunca se costumaram acentos , nem ditongos unidos , nem letras encadeadas. Alem de outros erros , barbarismos , e solecismos , que se podem observar em varias lapides dos seculos cultos , e principalmente no Eneo , e Ferreo , que nam podiam nacer senam dos abridores . (4) Nem se pode dizer , que separavam sempre as regras , para melhor dividir os periodos : porque das inscriçoens , que acima apontamos , consta o contrario : sendo que o mesmo periodo começa em uma regra , e acaba no meio da outra .

O que suposto , parece que usurpavam entam os abridores de pedras a mesma liberdade , que oje tomam os impressores : os quais compoem o frontispicio dos livros , que é verdadeira inscriçam , com a divizão , e diversidade de letras , que lhe parece : e acabam muitas paginas em triangulo , e outras figuras , sem que o autor lhe diga nada , nem seja costume invariavel , ou circumstancia essencial dos livros , que se podem formar em cem diferentes maneiras . E assim como os nosos impressores comumente conservam os nomes proprios inteiros , e às vezes separam os periodos em diferentes regras ,

C 3

e ou-

(1) *Gruteo pag. 40. n. 2.*

(2) *Ibid. pag. 46. n. II.*

(3) *Ibid. pag. 609.*

(4) *Veja-se Boldonio na sua*

*Epigraphica pag 74. 78. em que cita muitos exemplos de erros consideraveis.*

e outras vezes nam ; assim tambem os antigos abridores de lapides faziam . Daqui naceo , que as inscriçoes , que deviam constar de proza continuada , como costumavam os Romanos , e sam quazi todas as que assim aponto , principalmente as de cobre ; pouco a pouco foram tendo regras deziguais . Nam por necessidade da inscriçam ; pois vemos ainda nos seculos inferiores milhares com regras iguais , e quazi iguais : mas por vicio dos incizores .

Nam duvido , que algumas vezes o-fizesem para pôr cada periodo em sua regra , como achamos algumas : mas esta razam nam é geral , como vimos : e aindaque o fosse , nam obriga sempre a fazer regras muito deziguais . Os mesmos Modernos , que melhor escrevem , em quanto podem nam dividir os nomes proprios , o-fazem na escrita , e principalmente na impresam , semque tenham proibisam para os-dividir . Onde por esta razam so nem sempre as regras eram deziguais : sim por alguma das que apontamos . Mas nam succedia , que a cada palo se-achasse samente em uma regra , *qui , qua , quem , nimirum , ergo , ut* , e outras semelhantes particulas , com divizam afetada como as quintilhas , em colunas mui estreitinhas , avendo campo para se-fazerem grandes , como se-ve nos elogios Lapidares . Que este era o noso ponto .

O mesmo Boldonio tratando da postura das regras , nam diz , que seja essencia da inscriçam ter regras deziguais : antes polo contrario diz , que nam tem forma certa , porque as-á de varias figuras , o que ele attribue aos abridores . Diz porem exprefamente , que se-acham infinitas de regras iguais . (1) Que é o que basta para mostrar a falsidade de S. R.

Para entender melhor esta doutrina , deve S. R. saber , que os antigos Romanos antes , e depois de Augusto , escreviam tudo com letras maiusculas , e sem divizam de palavras , escre-

(1) „ Itaque missis iis (*in-*  
 „ *scriptionibus*) quæ tractu con-  
 „ tinuo ad finem usque ferun-  
 „ tur , sola versura intercisis  
 „ dictionibus , quarum apud  
 „ omnes scriptores hujus gene-  
 „ ris infinita seges est ; sicuti

„ etiam , quæ dictiones abrum-  
 „ punt desinente versu , sup-  
 „ plendas autem lectoris intel-  
 „ ligentia ; hæc breviter alle-  
 „ gamus . Boldonius l. c. pag.  
 627. Membro x.



escrito no VI. ou quando muito no VII. Estes, que sam ja de um carater mais semelhante ao Gotico, tem palavras tronçadas, e todas as disoens continuadas como uma so: e fomite no Codice Teodoziano puzeram os Modernos uma linha encarnada entre cada disam, para o-poder copiar, e imprimir.

Daqui se-colhe, que os Romanos, seguindo o seu costume, nam tinham necessidade de pdr em uma regra uma so palavra, como insinua S. R. vistoque escreviam tudo continuado. E fomite alguma vez, quando queriam separar os periodos, ou nam dividir algumas disoens, escreviam as regras alguma coiza deziguais, nam obstanteque todas começassem em uma linha: como se-ve na lei Regia, na orasam de Claudio, e como nos oje fazemos, quando escrevemos. Pois é certo, que as regras das nosas escrituras nam sam perfeitamente iguais, aindaque comecem na mesma linha. Porem nunca se-dava o cazo, que por esa mesma razam se-vissem eles obrigados a escrever em uma regra uma so palavra: e se o-faziam, era por outra cauza.

Temos o exemplo nas linguas Orientais, Ebraica, Síríaca, Caldaica, Arabica, Persiana, nas quais nam se-troncavam as palavras: e contudo as regras nam constam de um so vocabulo: porque quem escreve, ou imprime regula-se desorte tal, que quando totalmente nam pode entrar na regra uma palavra, prolongam as ultimas letras, demodoque todas as regras sejam quazi iguais. O mesmo faziam os Romanos com as abreviaturas. Se nam entrava a palavra *Consul*, punham *Cof.* Em lugar de *Imperator*, punham *Imp.* e semelhantes abreviaçoens, que encurtavam as disoens. Todos os prenomes desinavam com uma, ou duas, ou trez letras e um ponto. (1) Desorteque as abreviaçoens, que eles tomàram dos Gregos, facilitavam o encher e igualar as regras: aindaque queiramos conceder, que nam dividissem em meio as palavras; o que é falso, porque as-troncavam, quando era necessario. Doque fica claro, que as trez propozisões de S. R. sam direi-

(1) Veja-se *Sertorius Ursatus* | xi. do *Grejo Antiq. Rom.*  
de *Notis Romanorum* no tom.



direitamente contrarias aos monumentos antigos, e por consequencia falsas.

Respondendo pois à maior do argumento proposto por S. R. digo, que tam longe está de impugnar a nosa opiniam, que antes a-confirma. Supoem S. R. que o costume Romano de nam troncar as palavras produzise estas regras tanto dezi-guais. Daqui segue-se, que quando nam avia esta necessidade, escreviam com regras iguais. E daqui tambem se-segue, que nam avendo oje este costume, vistoque as silabas nas nosas escrituras, nas nosas imprenhas, e nas nosas lapides mui bem se-separam; nam á motivo algum para escrever regras deziguais. Onde quando concedesemos, que S. R. para imitar em tudo alguns Romanos, nam quizese partir as disoens no fim da regra; devia encher as regras, quando nam ouvèse necessidade de troncar as palavras. Assimque dos seus mesmos principios se-prova o contrario, do que quer persuadir. Esta é a resposta da maior.

A menor do argumento é esta: „ Como os livros de elogios sam semelhantes às lapides na materia de elogiar Principes, e Eroes; querem os seus autores fazelos tambem às lapides semelhantes na fôrma da escritura.

A concluzam deste silogismo devia ser esta: *Devem os elogios ser semelhantes &c.* E entam negava-se a consequencia, porque a maior é falsa, e a menor tem limitafam. Mas como S. R. diz: *Querem os seus autores*; nam devemos responder mais, senamque safam o que quizerem, contantoque nos-concedam, que nam se-deve fazer o que eles querem. E negamos a consequencia por outra razam.

Mas a falar sem cerimonia, nam á mais pueril consequencia que esta. Tambem os elogios Lapidares sam semelhantes à orafam de Cicero *pro lege Manilia*, e *pro Marcello*; que eram dos maiores omens do seculo de Augusto: contudo S. R. ainda atèqui nam dise, que se-deviam fazer orasoens no estilo lapidar: nem o Juglar, ou Tezauro se-atrevèram a dizer tal. O *Panegirico de Trajano*, de *Constantino*, de *Teodozio &c.* sam elogios de Eroes; e contudo a nenhum Umanista atègora ocorreo, que deviam ser semelhantes aos elogios lapidares. Logo a semelhansa generica da materia nam traz consigo a semelhansa da repartisam das regras. Muito mais porque entre as boas lapides acham-se infinitas com regras iguais, e  
nam

doutrina, e rezolufam bastante para defender as obras, e bom gofto do Latinifimo, dizei-lhe que vos-avize, que lhe-moftraremos diffintamente os defeitos que tem: e que nos fale em lingua que entendam os eruditos de Europa, que fã juizes dezenterefados. Porque aindaque em Portugal aja omens mui doutos, que tem voto nesta materia; e alguns meus amigos, que me-efcrevem, e que eftiveram fõra do reino, e tem gofto delicado, e critica mui purgada e prudente, digam dos elogios o mefmo que nos; contudo paraque eftes por alguma razam nam parefãm fufpeitos a S. R., por ifo queremos juizes Eftrangeiros: os quais julgarã com dezembarafo, e fem paixam quem tem razam. E fendo necéfario, eu nomiarei alguns Eftrangeiros tam acreditados, que S. R. nam poſa dalos por fufpeitos. Dizei-lhe mais, que nam lhe-cauze efcrupulo a aprovaſam dos \* \* \* porque concedendo, que foubefem outras coizas, nam tem publicado obras, que nos-mofrem o feu criterio na lingua Latina: e alem diſo os Flamengos, e Francezes comumente nam fã oje bons juizes nesta materia, porque tudo nos ditos paizes fe-efcreve em lingua vulgar.

Suponho que o R. Elogiſta nam ferá daquela especie de cenſores, que quando ouvem criticar algum livro, de que eles goſtam, tocam a fogo, e logo faiem com aquela celebre refpoſta: *Diz mal dos omens grandes, ſatiriza os ſeus naturais.* Mas quando ele foſe tal, que vos-dêſe eſta refpoſta; dizei-lhe, que entenda, e diſtinga primeiro os termos, e nam fa queſtam de nome. Adverti-lhe, que vos concedeis, que o Latinifimo era omem mui pio, mui douto, muito eſtimavel polas ſuas prendas e virtudes, e um dos grandes ornamentos da douda, iluſtre, e exemplar caza, em que eſtava; como me-tem dito muitas peſoas graves, que o-conheceram: mas que aqui nam ſe-diſputa do merecimento da peſoa, ſim do das obras: nam ſe-trata de ſatira, mas de critica: nam ſe-examina quanto podia fazer, mas quanto fez. Lembrai-lhe, que a Critica é um rigorozo mas juſto tribunal, em que nam ſe-da exceſam de peſoas: mas cadaum paga polo que deve: e cada virtude, ou defeito ſe-examina e peza ſeparadamente, e recebe ou galardam, ou caſtigo. Eſtas cautelas ſã necéfarias para evitar certas admiraſoens, que vejo todos os dias neſtes, que, querendo caluniar, e nam reſponder ao ponto,

tem prontas muitas solutoens destas , com grande aplauzo dos que nam entendem a materia . Isto suposto ,

Pasando à segunda parte , digo , que um livro de epigramas judiciozos , no sentido em que S. R. toma a palavra *judiciozos* por *agudos &c.* é muito ma fazenda . Se o Critico condena com os melhores Poeticos, a maior parte dos de Marcial, veja S. R. como á de aprovar outra colesam pior . Mas admitindo por agora a maior , distingue a consequencia : Nam será ridiculo um volume que seja colesam de muitos e diferentes elogios bem feitos, concede : um livro em folha que consente famente de cinco elogios mui longos , feito muito de proposito para ser livro , e nam inscristam ; nega isto , nem S. R. provará nunca o contrario . Acrecento , que nem menos entendendo o que S.R. quer significar com a palavra *discretos* : porque tendo este vocabulo varias interpretaçoens em Portugal , um omem tam grande Filozofa como S. R. que sabe , que em materias controversas é necesario evitar equívocos, devia desfinilo .

Pasando à concluzam digo , que nam se-devem admitir elogios lapidares polos mesmos trez motivos, porque S.R. os admite : por serem *Latinos* , por serem *conceituozos* , e por serem de *figuras grotescas* : porque nada disto compete ao bom Latim .

Tem muita grafa o R. Elogista com aquela sua absoluta : Nam á *preceito em contrario* . Eu responderia com este siglogismo , ao qual S. R. aindaque sue aqua pola testa , nunca dará solufam . „ Tem positivo preceito os que querem escrever bem Latim ; de imitar os melhores autores do seculo „ Aureo tanto no pensar , como no escrever , dividir os vocabulos , e as regras . No seculo Aureo , e tambem Argenteo os omens de melhor gosto nam escreveram nunca elogios lapidares à moderna , nem quanto ao pensar , nem quanto ao modo de escrever &c. Logo tem positivo preceito os bons Latinos de nam escreverem elogios lapidares à moderna .

Alem disto os *conceitos* no sentido de *agudezas* , sam primos inteiros dos equívocos , e nam se-devem sofrer nem no verso , nem na proza . Porque finalmente sam empregos de rapazes , que os omens doutos tem desterrado do Portugal ; e mui-

e muito mais o-devem fazer no Latim, na qual provincia nam temos jurisdifam, mas devemos seguir os mais elegantes autores. Se nam é que S. R. tenha algum indulto de Otaviano Augusto, que lhe-permita introduzir no Lacio estilos novos: ao qual privilegio ainda teremos que replicar.

Se o R. Elogista nega a maior do filogifmo antecedente, nam temos que argumentar mais, senam dizer-lhe, que aprenda primeiro o que significam estas palavras; *bom gosto na lingua Latina*, e ao despois falará nesta materia. Se concede a maior, fica convencido: porque a menor consta evidentemente da istoria da lingua Latina, e dos livros antigos, que ainda se-conservam. Leia S. R. o Fabricio na *Bibliotheca Latina*, e veja se entre aqueles bons-autores, que ainda temos, acha os seus elogios lapidares. Leia o Walchio *Historia Critica Lingua Latina*, ou o Borrichio *Cogitationes de atatibus lingua Latina*, e entam nos-dirá, que conceito se-deve formar dos elogios lapidares, e em qual idade da lingua Latina poem eles os ditos elogios. Leia as inscricoes antigas, e faza-nos a merce de descubrir nelas os mesmos elogios lapidares. E finalmente leia o seu famozo Elogista Juglar, que ele lhe-dirá claramente, que estes Elogios sam mui modernos, mui pouco Latinos, e mui cheios de barbarifmos. (1) Que é o mesmo que dizer, que quem sabe Latim nam faz estes elogios: porque os do seculo Aureo sabiam elogiar, e mais nam faziam isto.

Se nam se-capacita destas razoens, dizei-lhe que lhe-damos dez anos para dezenterrar alguma lapide, ou lamina de cobre, ou chumbo das melhores do seculo Aureo, com elogio lapidar à moderna. Nam digo lapide que tenha uma ou outra agudeza sofrivel, que esa talvez achará no Grutero:

digo,

(1) „ Genus hoc scriptionis  
 „ nostro seu natum, seu rena-  
 „ tum in sæculo. Periodos ta-  
 „ men qui quæris, & Latini  
 „ medullam sermonis, omnem  
 „ aliam officinam adito. Acu-  
 „ tus videri qui vult, sæpe La-

„ tinus esse non potest. Libe-  
 „ ra Poësis hæc suis solum pro-  
 „ pmodum legibus vivit: vel  
 „ cum Grammaticorum inju-  
 „ ria tolerat plerumque barba-  
 „ riem. Juglaris Monita ad Le-  
 „ ctorem initio Elogior.

digo, uma boa lapide semelhante aos seus elogios. (1) Supondo pois que nam aparece, como com efeito nam apparecerá, será verdadeira a menor, e a consequencia legitima. Onde S. R. fica convencido, de afirmar uma propozifam absoluta falsissima.

Atèqui contentou-se o Reverendo Elogista com dizer as suas razoens tais e quais a sua muza soube. Agora esquecido de si, e da gravidade, com que devia falar de um omem tam grande como o Critico, e de um omem que ele mesmo louva e engrandece; saindo fóra da questam, apresenta-nos um paragrafo na apparencia suavemente picante, mas na realidade verdadeira fatira: que nam serve senam para mostrar, ou que a paixam lhe-cegou os olhos do entendimento, ou que ignora totalmente a materia que trata.

Os argumentos, de que se-serve para a fatira, nam sam nem plauziveis, nem novos: mas sam os mesmos que opoem os pedantes, quando se-acham apanhados em contas. Diz pois S. R., Que o Critico introduz o seu metodo como coiza nova, e atèli nam descuberta. Que se-aproveita dos tratados já escritos nesta materia, para produzir volumes a pares. Que tem fama entre os ignorantes, porque estes nam podem descobrir os seus roubos. Que os livros dos elogios nam sam copias, mas partos originaes, que pedem engenho mais fecundo doque nam tem o Critico. E conclue, que lhe-oferece o dito livro em Portuguez, e o-prepara com as applicaçoens apontadas, paraque leia o Latino sem perder o sofrimento.

Vede, amigo do corasam, quantas falsidades, e injurias aqui diz juntas. Eu podia perguntar a S. R., que necessidade avia de tocar estes pontos odiosos, para se-justificar de ter fei-

(1) O Critico advertio na carta da Poetica pag. 230. que entre os Antigos tanto Gregos, como Latinos se-acham alguns vestigios de mau gosto, e alguma agudeza: mas que estas nam se-devem imitar. Onde daqui nam pode tirar o Elogista argumento algum, como nem de algumas lapides que traz o Grutero. Nam condena o Critico o bom uzo de alguma destas coizas em tal, ou qual lugar: condena o abuzo, e applica-fam impropria.

feito elogios lapidares . Em que Logica , e Retorica aprendeo , que o sair fóra da questam , e apontar os defeitos ou verdadeiros , ou falsos do seu adversario , seja responder ao argumento que lhe-oppoem . Que casta de digressam é esta , que nam tem parentesco nenhum com a questam , que devia provar . Que modo é este de defender a bondade dos elogios Latinos , com tradusfoens Portuguezas totalmente diferentes dos ditos . Podia perguntar , que provas evidentes da bondade dos tais elogios ele nos-tinha dado , para inveir contra o Critico , e amplificar com tanta veemencia o seu discurso , como se tivesse primeiro produzido uma demonstrafam Matematica : ou se quer que lhe-demos credito somente porque ele o-diz . Podia-lhe tambem perguntar , se o responder deste modo é a prova que nos-da do seu bom gosto em Belas letras . Podia propor outras perguntas , mas nam quero , e somente responde-rei ao que propoem .

Em primeiro lugar o Critico em nenhuma parte diz , *que o seu metodo é coiza nova , e atéli nam descuberta* : onde finge uma grande calunia o R. Elogista afirmando tal propozifam . Diz bem fim o Critico em toda a sua obra , que o que escreve nam é seu , mas dos melhores autores que trataram das materias , com os quais autoriza as suas opinioens . Nem devia fazer outra coiza , vistoque so tem por fim , refucitar o bom gosto , que antigamente dominava nam so em Belas letras , mas tambem em outras ciencias : e introduzir o que despois disto se-tem descuberto por outras nafsens cultas .

Certamente os Filologos nam inventam a erudifam , com que ornam os seus escritos , nem os Legistas as leis , nem os Historicos os fatos : contudo louvam-se muito estes profefores , por saberm applicar esa erudifam ja velha aos argumentos e assumtos que tratam . Ninguem duvida , que os dois Escalige-ros, o Casaubon, o Saumaise, o Grocio (\*), o Selden, o Con-

(\*) Nomeio nesta carta alguns Erejes , e entre eles o Grocio , nam paraque merefam algum louvor : mas somente pela elegancia , e alguma erudi-

fam ; por cuja cauza os Catholicos às vezes os-citam . Mas tudo segundo as leis da S. Igreja Romana .

ringio, o Petavio, o Huécio, o Tomaffino, o Bochart, os Voffios, o Fabricio, o Gazendo, e outros omens infignes merecèram grandes aplauzos pola fua imenfa erudifam: contudo fahem todos, que eles nam inventàram a dita erudifam, mas fouberam fervir-fe dela: e fizeram prudentes reflexoens fobre as coizas ja defcubertas. Damedfma forte o Critico, aindaque fe-firva da erudifam, que trazem os outros; pois nam inventa, nem deve inventar preceitos novos, mas propor os melhores, que fe-tem inventado; nam merece ménos louvor, polo criterio, com que applica efa erudifam, e polas fabias reflexoens, que faz com ela.

Todos os que agora efcrevem de ciencias nam dizem coizas novas, mas ja ditas por outros: as mefmas queftoens, os mefmos argumentos, as mefmas, ou pouco diferentes refpofas. Contudo aquella nova fôrma que fe-da a um tratado didafcalico; aquele faher joeirar as queftoens, e as provas; polas em ordem mais clara; reduzilas a menos palavras; tiralas de um fo principio; feparar o que é evidente do provavel; a razam da autoridade; o certo do duvidofo; e explicar tudo com elegancia e galantaria; fo ifto da grande prefo a um livro, e carateriza um omem por grande efcriptor: no que concorda toda a Europa erudita e de otimo gofto.

Se S. R. foubèfe diftinguir o fer Plagiario, e o fervir-fe da doutrina dos autores, nam chamaria vicio ao que merece louvor. Quem copeia as razoens, e palavras dos outros, e as-vende ou clara, ou difarfadamente como fuas, a efe chamamos Plagiario: quem declara, que fe-ferve da doutrina dos outros, aindaque copeie algumas regras, por brevidade da efcritura, e nam os-cite; efe nunca foi tido por Plagiario. Muito menos ferá Plagiario, quem nos cazos necesarios cita nam fo os autores, mas as palavras, como faz o Critico. Polo que me-lembro, fomente em dois lugares da fua obra o Critico fe-pode dizer, que copiou algumas regras de dois autores celebres: nam por necessidade, viftoque o Critico mostra no mefmo lugar, ter vifto as fontes onde eles bebèram: mas porque talvez lhe-vieram à memoria, e por nam fe-canfar naquela ocaziam em buscar outros. Porem ifo é muito pouco, e nem em tudo é copia literal. Mas efte modo de copiar admitem, e fazem os bons efcriptores. Nem o Critico

o-nega, paraque lho-lancem em rosto: confesa o seu furto com muita ingenuidade, e por isto nega que seja furto.

Mas apertando o argumento, respondereis a S. R. que diga o que quizer, saia fóra da questam quanto lhe-parecer, acumule quantas calunias, e invetivas puder inventar, nam poderá negar, que a dita obra foi a primeira, que appareco na tal lingua, e acomodada em tudo à necessidade do reino: e que lhe-terá dado a S. R. noticias, e aberto os olhos em coizas, em que nunca ouvîra falar. Nam poderá mostrar outra obra tam extensa em linguas Estrangeiras, com os mesmos argumentos, com a mesma ordem, e abundancia. Onde sempre deve confessar, que o autor é original por trez razoens. I. Porque foi o primeiro, que mostrou os seus defeitos aos Portuguezes em todas as materias literarias, e lhe-enfinou o modo de emendalos. II. Polas prudentes e eruditas reflexoens, que faz em todas as materias, até o dito tempo nam tratadas por nenhum natural. Sendo certo que as obras, que fizeram os outros, nam tocam os defeitos Portuguezes, que sam diferentes em muitas coizas. III. Pola abundancia, profundidade, e facilidade, com que trata em poucas palavras estas mesmas materias, o que nam achará em outros semelhantes livros.

Tudo o que atèqui dise foi para mostrar, que nam prova nada o R. Elogista com a sua objesam, mas nam porque seja necesario para responder à dita. Concedendo abundantemente, que o Critico copiasse desde a primeira folha até à ultima, sempre fica intacta a dificuldade, *que quem tem bom gosto de Latinidade nam faz elogios lapidares, e muito menos em livros de folba*. A este argumento devia responder S. R., se é que quera responder: e nam imitar os pedantes, que cuidam que dezatam as objesoens, quando saiem fóra da questam, gritam muito, e injuriam o arguente. Este é um soffisma, a que os Logicos chamam, *Aliud probare, quam quod probandum est*: e é merecer com toda a justisa o ludibrio dos eruditos.

Sobre o dizer o Elogista, que o Critico so tem fama entre os ignorantes, nam tem razam: porque S. R. que é tam douto em Filologia, Filozofia, Matematica, Teologia, Jurisprudencia, como tem mostrado com as suas obras, teve a bondade de o-aprovar; e a sua autoridade na republica Literaria vale por mil.

Quan-



51

116

Quanto ao dizer, que o Critico nam tem o engenho fe-  
gundo, que é necesario para produzir elogios Lapidares; niso-  
sim, que tem muita razam: e o Critico, como ja ouvi di-  
zer, concede tudo. Da os parabens a S. R. da felicidade do  
seu engenho: dezeja-lhe, que se-empregue largos anos em  
compor elogios Lapidares, sempre com o bom sucesso que até-  
gora teve: paraque os Atos de Lipsia, os Diarios de Olan-  
da, e Italia, as Memorias de Trevoux, e os outros Jornais  
Literarios se-cansem com os seus aplauzos. Ele porem Criti-  
co ignorantissimo, e que nam tem bom gosto na lingua Lati-  
na, olha sem enveja, como suponho, para as felicidades de  
S. R., e para a fama que no mundo Literario vai conseguindo  
com os elogios Lapidares.

Pedi-lhe porem, que tenha a bondade de mostrar os seus  
admiraveis elogios aos Portuguezes de bom gosto, e que tem  
visto mais mundo: ou, o que seria mais acertado, que os-  
mande juntamente com as obras do Critico às mais insignes  
Academias dos reinos Estrangeiros, paraque lhe-digam sin-  
ceramente, qual é mais util à republica: qual mostra melhor  
juizo, e mais bom gosto em toda a materia. E de caminho  
aprenderá S. R. que oje os omens doutos estimam mais uma  
ousa de bom juizo e criterio, doque dez arrobas de engenho,  
principalmente do lapidar, e que nam é regulado pola boa  
Logica, e Retorica.

E paraque S. R. tenha prompto um remedio, e meditassem  
eficaz para afugentar as tentassoens e prezunsoens de engenho,  
lhe-direis em segredo, que se-lembre repetidas vezes, que os  
mesmos apaixonados por elogios lapidares acharam certas  
coizas que repreender nos seus elogios: v. g. certos textos  
da Escritura, que nam tinham lugar em materias profanas a  
como tambem o fazer a dedicatoria em elogio lapidar, e re-  
petir duas vezes a mesma materia; e coizas semelhantes. E os  
mais judiciozos disseram, que S. R. tam longe está de mostrar  
neles bom engenho, que so mostra a servil imitassam de outros  
Elogistas Lapidares, dos quais á tantos (S. R. necessita desta  
noticia muito) que se-podem aquentar fornos: e que em ca-  
da periodo se-corhece a sua afeçassam, e estillo forçado, e um  
grandissimo dezejo de buscar o conceito, e parecer engenho-  
zo. O que na verdade está muito longe de ser verdadeiro en-  
genho.

Con-

Conclue finalmente o R. Elogista, prezentando ao Critico a tradusam Portugueza, paraque possa entender o texto Latino. O Critico coitadinho é tam ignorante, que nam entende Latin: e sem a parafrase de S.R. nam perceberia os elogios originaes: porque sam coizas do outro Mundo, que so S. R. entende, e aqueles a quem se-digna participar as suas luzes furtadas.

Em tudo mostra S. R. a sua ingenuidade, e beneficencia. Mas jaque é tam sincero, e tam bom, tomara que nos-difese, paraque fez esta tradusam, e paraque a-fez em proza corrente, e sem a dita divizam de regras. A razam da 1. parte ja eu comese a descubrir. Receou sem duvida o R. Elogista, que os omens doutos, que sam os que costumam ler semelhantes elogios, nam percebem Latin tam *crespo*: e como das obras do Critico coligio a sua perspicacia, que o seu *imaginado* adversario nam sabia Latin; quiz oferecer-lhe esta elegantissima parafrase, para lhe-aliviar o trabalho. Louvamos a boa tensam, e meio de que se-servio. Mas polo que toca à 2. parte, confeso que nam alcanse a razam. Se S. R. julgou, que os elogios lapidares deviam ter indispensavelmente regras deziguais; paraque as-tirou no Portuguez? Certamente temeo S. R. que os Portuguezes doutos o-escarnecessem, se vissem os elogios vulgares com as regras tanto deziguais, contra o costume. Mas nam advertio, que o mesmo fariam os que sabem a lingua e estilo dos antigos Romanos, vendo os elogios Latinos com a mesma forma.

Esperamos porem, que assimcomo S. R. ja se-vai emendando nesta primeira tradusam; assim tambem quando os-traduzirá em Persiano, ou Chinesse, tirará os equivocos, e conceitos, e finalmente reduzirá o texto a uma simplez vida, como parece devia fazer. As afoens destes cinco Reis, principalmente do ultimo, sam tam belas, tam excelentes, tam eroicas, que nam necessitam de agudezas para se-engrandecerem: basta simplezmente narralas. E isto devia ter feito S. R., se tivese bom gosto na lingua Latina: e em lugar de cinco elogios lapidares, compor cinco epigrafes boas, como fez o P. de la Rue; ou compor cinco panegiricos: nam compridos como o de Plinio, que mata gente, mas de proporcionada grandeza. Entam teriamos lugar de admirar nam

fo a pureza , elegancia , suavidade , collocam , numero , e copia da sua lingua Latina ; mas tambem todo o artificio , que a Retorica ensina no genero Demonstrativo , e a singular e profunda erudifam , que S. R. posue em todo o genero . Nisto é , que o R. Elogista devia empregar a sua muza : porque nos elogios lapidares perde toda a sua gloria literaria .

Aqui tendes em breve o que me ocorre àcerca dos ditos elogios : e que eu suspeito responderia o Critico , nam so polo que li nas suas obras , mas tambem polo que ouvi a alguns Religiozos seus amigos . E isto mesmo podeis vos propor ao R. Elogista com toda a cortezia , modificando alguma exprefam menos atenta , que por inadvertencia me-tenha faldado da boca .

Para vos-dizer sinceramente o meu parecer , julgo , que este P. nam falou nisto com o seu bom juizo , mas cego de amor proprio , ou talvez induzido por cabesa alheia . Eu formo melhor conceito das suas virtudes morais , e literarias , doque as razoens que traz , e piques com que ofende , demonstram . E persuado-me , que ele mesmo , examinando sem paixam a materia , nam deixará de conhecer a verdade , e mudar de opiniam . Se o omem se-capacitar , muito bem : parece-me que o Critico lhe-perdoará de boa vontade os erros que disse , e piques com que o-maltratou : e nam terá duvida de o-fervir no que puder , porque tem bom corasam . Se ateimar , dizei-lhe , que fasa o que lhe-parecer , imprima tudo quanto quizer , que eu supponho , que o Critico tem mais em que cuidar , doque ler , e censurar os tais elogios ; ou as apologias que faz para os-defender . Se o R. Elogista cuida , que esta é a barca dos alhos , em cuja perda todos devem falar ; dezengannai-o tambem neste particular ; e persuadi-lhe , que à república Literaria nam importa nada , que ele imprima antitezes , equivocos , agudezas , conceitinhos , e quantas puerilidades quizer : as quais lerá ele , e o seu impresor , e quando muito algum apaixonado : mas nam os eruditos , e que sabem em que consiste o bom gosto da lingua Latina , e da Eloquencia ;  
Ds. vos-guarde . Etc.

